

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ARTES – IARTE
CURSO DE TEATRO

GUILHERME PIMENTEL CAMPOS

**DE PENTEU A “O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER O SEU NOME...”:
IDENTIDADE POR MEIO DA CENA TEATRAL.**

UBERLÂNDIA

2025

GUILHERME PIMENTEL CAMPOS

**DE PENTEU A “O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER O SEU NOME...”:
IDENTIDADE POR MEIO DA CENA TEATRAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Artes da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito básico para a
conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Ferreira Kamla

UBERLÂNDIA

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

C198 Campos, Guilherme Pimentel, 1995-
2025 DE PENTEU A "O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER O SEU NOME...":
[recurso eletrônico] : IDENTIDADE POR MEIO DA CENA TEATRAL. /
Guilherme Pimentel Campos. - 2025.

Orientadora: Renata Ferreira Kamla.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Teatro.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Teatro. I. Kamla, Renata Ferreira, 19 - , (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Teatro. III.
Título.

CDU: 792

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

GUILHERME PIMENTEL CAMPOS

**DE PENTEU A “O AMOR QUE NÃO OUSA DIZER O SEU NOME...”:
IDENTIDADE POR MEIO DA CENA TEATRAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Artes da Universidade Federal
de Uberlândia como requisito básico para a
conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Ferreira Kamla

Uberlândia, 08 de maio de 2025

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Mara Lúcia Leal (UFU)

Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Calixto Marques (UFU)

Profa. Dra. Renata Ferreira Kamla (UFU)

Dedico este trabalho a todas aquelas que vieram
antes de mim e a todas aquelas que ainda virão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Exu, ao povo das encruzilhadas, ao povo da Lira, Seu Rei das Sete Encruzilhadas, Sra. Rainha das Sete Encruzilhadas, Seu Tranca Rua das Almas, Sra. Maria Padilha das Almas, Sra. Sete Lagoa, Sr. Exu do Lodo, Sr. Sete Cadeados, Sr. Sete Montanhas, Sr. Zé Pilintra, Sr. Guardião da Meia Noite das Trevas, a todos que sempre abriram meus caminhos, permitindo que eu pudesse conquistar tudo que for do meu merecimento.

Ao meu Pai Oxóssi e minha mãe Nanã, donos do meu Ori, orixás do conhecimento e da sabedoria que sempre me guiaram, ampararam e protegeram para que chegasse até aqui. À Omolu, por me conceder saúde; a Ogum, por me fortalecer nas batalhas; a Xangô, por me dar justiça, ao Pai Oxalá, por estar sempre comigo e me conceder o dom da vida, à Iemanjá, Mãe de todas as cabeças, à Oxum e Iansã nossas iabás.

À toda espiritualidade de luz e força que sempre estive ao meu lado. Ao preto velho Pai João da Bahia, a todos os pretos velhos, caboclos e às sete linhas da Umbanda.

À minha família material, Pimentel e Campos, minha mãe, Creusa de Lourdes Pimentel, que sempre me apoiou sem hesitar, nunca reclamando das renúncias que fiz para seguir meus sonhos, me orientando a ir em busca da minha felicidade. Ao meu pai, Paulo Sérgio Campos (*in memorian*), que não pôde me ver nos palcos, mas sei que, de onde está, me apoia. Às minhas avós Zilda Nogueira Campos e Ana Lúcia Pimentel Souza (*in memorian*), aos meus avôs José Guilherme Pimentel e João Batista Campos e a todas as tias, tios, primas e primos, por me ensinarem o verdadeiro significado do amor incondicional.

À minha família espiritual, à minha mãe no santo, Mestra de Notório Saber reconhecida pela Universidade Federal de Uberlândia, Mãe Irene de Nanã, por compartilhar seus conhecimentos e me educar na fé, contribuindo para a minha evolução. Às minhas madrinhas, Mãe Dircirene e Mãe Kaína, e, também, à Mãe Mirelli, por dividirem a matriarca da casa com nosso axé e por todo o carinho. Agradeço a todos os filhos do preto velho Pai João da Bahia, meus irmãos de fé, por me incentivarem, apoiarem e acolherem sempre, sem julgamentos.

À minha madrinha, Adriana Lúcia Pimentel Souza, por sempre acreditar no meu potencial artístico. Mesmo quando segui outros caminhos, nunca deixou que eu me afastasse da arte. Seu incentivo e apoio foram fundamentais para eu chegar até aqui, você tem grande parte nessa conquista.

À todas as bixas que vieram antes de mim e abriram caminhos para que eu chegasse até aqui, de modo muito especial àquela que permitiu que eu me reconhecesse enquanto bixa, obrigada, Felipe Lemes.

À todos os parceiros nesta pesquisa, minha orientadora Profa. Dra. Renata Ferreira Kamla, por acreditar em mim e na minha pesquisa, sempre me incentivando a seguir em frente. À Profa. Dra. Mara Lucia Leal e à Profa. Dra. Maria do Perpétuo Socorro Calixto Marques, por aceitarem o convite de avaliar e compartilhar esse momento de alegria. A todos aqueles que contribuíram de alguma forma com esta pesquisa, agradeço especialmente a: Alessandro Carvalho, Amanda Bianco, Bru Garcia, Camila Branco Ribeiro, Camila Tiago, CX Martins, Edu Silva, Eduardo Buiatti, Elisa Vilela, Gabriela Rufina, Júlia Ceneda, Lara Puccinelli, Maitê Máximo, Rafaella Haziell, Tia Rô e Vinicius Néia.

De modo muito especial, a todos aqueles que contaram suas vivências. Não sei quem são, mas foram essenciais para este processo, compartilhando suas vidas não apenas comigo, mas com todos aqueles que participaram do experimento cênico e/ou lerão este trabalho.

Ao GRUDUB - Grupo de Dublagem, pelo compromisso, dedicação e sensibilidade ao dar voz aos relatos: Caio Eduardo, CX Martins, Davi Diniz, Duda Valeciani, Estevão Ribeiro, Isabela Rickli, João Eduardo, Marcela Regina, Milena Gomes e Vitor Fernandes.

A todos os amigos que contribuíram com minha pesquisa, trocando saberes e mostrando diferentes pontos de vista, que com toda certeza enriqueceram este trabalho. O conhecimento só se faz por meio da diversidade do saber.

Por fim agradeço a Universidade Federal de Uberlândia por proporcionar e criar possibilidades para o aprendizado, ao Programa de Excelência em Pesquisa (PEP) por financiar parte deste processo e a todos os docentes, técnicos e colegas do Curso de Teatro por promoverem um ambiente de troca e aprendizado.

RESUMO

Por meio do memorial aqui apresentado, a pesquisa visa descrever e refletir sobre o processo de criação do experimento cênico intitulado "O amor que não ousa dizer o seu nome...", tendo como ponto inicial noções de identidade abordadas a partir do personagem Penteu da tragédia grega "As Bacantes" de Eurípedes, abordando como as questões do referido personagem ressoam na sociedade contemporânea. A pesquisa inclui relatos autobiográficos e um levantamento de histórias de marginalização, apagamento ou negação de pessoas LGBTQIAPN+ pelos sistemas de poder presentes na sociedade. Adotando uma metodologia performativa, na qual teoria e prática se entrelaçam sem que uma se sobreponha a outra e tendo como alicerce teórico as pesquisas de Eugênio Barba, Janaína Fontes Leite, João Silvério Trevisan, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Paco Vidarte, Waldir M. S. Júnior, entre outros pesquisadores. O processo de criação não só analisou o personagem Penteu, mas também proporcionou uma plataforma para amplificar vozes marginalizadas e promover discussões sobre identidade e poder na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Processo criativo; Identidade; Relatos Autobiográficos; Experimento cênico.

ABSTRACT

Through the memorial presented here, the research aims to describe and reflect on the process of creating the scenic experiment entitled "The love that dares not speak its name...", having as its starting point questions of identity addressed from the character Pentheus of the Greek tragedy "The Bacchae" by Euripides, addressing how the issues of the aforementioned character resonate in contemporary society. The research includes autobiographical accounts and a survey of stories of marginalization, erasure or denial of LGBTQIAPN+ people by the systems of power present in society. Adopting a performative methodology, in which theory and practice intertwine without one overriding the other, and having as its theoretical foundation the research of Eugênio Barba, Janaína Fontes Leite, João Silvério Trevisan, Megg Rayara Gomes de Oliveira, Paco Vidarte, Waldir M. S. Júnior, among other researchers, the creative process not only analyzed the character Pentheu, but also provided a platform to amplify marginalized voices and promote discussions about identity and power in contemporary society.

Keywords: Creative process; Identity; Autobiographical Accounts; Scenic Experiment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografias 1 – Montagem fotos experimento cênico – transição relato 2 para relato 3.....	23
Fotografia 2: Foto experimento cênico – relato 3.....	25
Fotografias 3: Fotos experimento cênico – relato 2.....	27
Fotografias 4: Montagem fotos inspiração partitura corporal.....	30
Fotografias 5: Fotos experimento cênico – partitura corporal.....	30
Fotografias 6: Fotos experimento cênico – relato 5.....	32
Fotografias 7: Foto experimento cênico – recepção público.....	34
Fotografias 8: Foto experimento cênico – relato 1.....	35
Fotografias 9: Fotos experimento cênico – relato 6.....	38
Fotografias 10: Fotos experimento cênico – público.....	39
Fotografias 11: Fotos experimento cênico – relato 7.....	41
Fotografias 12: Foto experimento cênico – evocação.....	42
Fotografias 13: Fotos experimento cênico – dança com o público.....	46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas

AIDS - Síndrome da imunodeficiência adquirida

CRAIST - Centro de Referência para Atenção Integral em Saúde Transespecífica

DIRPE - Diretoria de Pesquisa

FFLCH-USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo

GRUDUB - Grupo de Dublagem

IARTE – Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia

ILEEL - Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e mais.

PEP - Programa de Excelência em Pesquisa

PROINTER I – Projetos Interdisciplinares I

PUC-MG - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TTTC - Transformação das Tradições Teatrais Clássicas

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

SUMÁRIO

1	O TÍTULO.....	13
2	COMO SE CHEGA À PESQUISA.....	16
3	UM OLHAR PARA PENTEU.....	20
4	O PROCESSO CRIATIVO.....	26
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS: A TRANSFORMAÇÃO.....	43
	REFERÊNCIAS.....	47
	APÊNDICE A – DRAMATURGIA.....	50
	APÊNDICE B - RELATOS COLETADOS ATRAVÉS FORMULÁRIO.....	63

Antes de iniciar a leitura deste trabalho peço que você, leitor, escute a música: Intimidade - Liniker e os Caramelows (2019), essa é a música com a qual o público é recebido para participar do experimento cênico, uma música que fala sobre a intimidade que se dá com nós mesmos e não com os outros. Assim te convido a mergulhar comigo nesse trajeto que é uma imersão sobre a minha intimidade. [Liniker e os Caramelows - Intimidade.mp3](#)

1. O TÍTULO

“O amor que não ousa dizer o seu nome...”, é a forma como Lord Alfred Douglas¹, amigo íntimo e amante de Oscar Wilde², termina o poema: “*Two loves*” - 1892. Tenho contato com o poema a partir da leitura de “Devassos no paraíso”, João Silvério Trevisan³ cita Oscar Wilde e relata sobre a sua morte⁴, desperto o interesse pelo caso e busco por mais informações assim chegando ao poema de Lord Alfred Douglas.

Dois Amores - tradução de Cristina Lasaitis (2020)

Sonhei estar no alto de uma pequena colina
 E diante de mim abria-se o terreno, análogo
 a um jardim baldio, que a seu alvitre produzia
 botões e flores. Havia sonhadores lagos
 de breu sereno e lírios de cor inocente,
 flores de açafrão e violetas rubras e brancas,
 e os lilases com aparência de serpente
 mal eram vistos sobre a relva e a verde trama.
 Olhos azuis de pervincas ao sol piscavam;
 havia flores pitorescas, antes incógnitas,
 tingidas pela lua, ou que do caprichoso
 espírito da Natureza se sombreavam,
 enquanto esta outra bebeu a nota transitória

¹ Poeta e tradutor inglês.

² Influente escritor, poeta e dramaturgo irlandês.

³ Romancista, contista, ensaísta, roteirista, diretor de cinema e dramaturgo.

⁴ Oscar Wilde processou o pai de seu amante Alfred Douglas por difamação após ser acusado por ele de "sodomia", mas acabou sendo condenado de "atentado ao pudor" por relações com outros homens jovens. Foi condenado e preso por dois anos, de 1895 a 1897. Declarado falido, de reputação arruinada morreu em Paris em 1900, prematuramente aos quarenta e seis anos de idade.

de um breve momento do entardecer radioso.
 Folhas de grama que em cem primaveras foram
 nutridas por estrelas, primorosamente;
 e banhadas no mesmo orvalho perfumado
 que a taça dos lírios enche, e que vislumbraram
 pelos raios de sol a glória de Deus, tão somente,
 pois o amanhecer não torna o Céu maculado.
 Mais além, brusco, erguia-se um muro de pedra
 sob musgoso veludo. Ali fiquei, perplexo
 a observar lugar tão bonito e doce e estranho.
 Enquanto me assombrava, da parte oposta a esta
 chegou um jovem, que levantou a palma num gesto
 contra o sol, suas madeixas em desarranjo
 ao vento ornadas de flores; na mão levava
 um cacho roxo de uvas roliças; seus olhos
 eram claros de cristal. Branco como a neve
 intacta dos montes gelados, nu ele estava.
 Lábios da cor do vinho que caíra no soalho
 de alabastro; de calcedônia era sua pele.
 De mim se aproximou, amáveis lábios cindidos,
 Segurou minha mão e minha boca beijou,
 deu-me de comer suas uvas e disse: “Vem,
 te mostrarei imagens da vida, doce amigo,
 e as sombras do mundo. Repara desde o sul
 como o espetáculo sem fim previsto vem.
 E — oh! — vi caminhar nos jardins do meu sonho
 duas figuras na luz dourada da campina
 fulgurante. O que parecia lindo, risonho
 e exuberante ecoava doce melodia
 cujo refrão enaltecia as damas mais galhardas
 e o jovial amor de um menino e uma menina.
 Com olhos brilhantes, sobre a grama dourada
 dançante, seus pés trotavam com alegria.

Trazia nos braços um alaúde de marfim,
as cordas de ouro como o cabelo das moças,
e cantava com voz de harmonioso clarim.
Em volta do pescoço, três cordões de rosas.
Mas havia um colega caminhando ao seu lado,
terno e lastimoso, com olhos esquisitos
pois eram tão assombrosamente iluminados.
Destarte me olhou e suspirou vários suspiros
que me comoveram. Possuía lábios rubros
feito papoulas; e suas faces eram pálidas
como os lírios. As mãos se crispavam em punhos,
mas vez ou outra se rendiam. De flores da lua alva
era a sua coroa, na cor dos lábios da morte.
Sua túnica rubra ostentava o áureo bordado
de uma grande cobra de hálito flamejante.
Quando o vi, para ele gritei, desconsolado:
“Amável jovem, diga-me por qual razão
andarilhas por este reino encantador
tão triste e suspirante? Conta de antemão,
qual é teu nome?” E ele diz: “Meu nome é Amor.”
De imediato, o primeiro se voltou pra mim
e gritou: “Ele mente, pois Vergonha é seu nome!
Amor sou eu, e estava habituado a neste jardim
andar sozinho, até que ele veio sem que a noite
o convidasse. Sou a chama do amor verdadeiro,
que mutuamente o rapaz e a moça consome.”
E diz o outro, suspirante, “Pois como queiras,
eu sou o amor que não se atreve a dizer seu nome.”

2. COMO SE CHEGA À PESQUISA

Certa vez durante uma defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma das avaliadoras disse que o trabalho do estudante era a imagem do seu caminho durante a graduação e que esse é um dos maiores objetivos de um TCC, acredito que o meu trabalho é imagem do caminho que percorri até o momento dessa escrita.

Esta pesquisa teve seu início na disciplina de Transformação das Tradições Teatrais Clássicas (TTTC), ministrada pela Profa. Dra. Renata Ferreira Kamla. Nessa disciplina, participei de um seminário teórico-prático com os colegas Jardel Fernandes Rodrigues Soares, Lara Mariotto Caruso, Letícia Yasmin de Jesus Rocha e Livia Di Donato Santos, abordando a tragédia grega "As Bacantes" de Eurípedes. Este seminário teve como resultado o experimento cênico "Penteu aprisionado", dirigido por Bruno César⁵, a fagulha para a pesquisa apresentada neste texto.

No seminário, exploramos questões de gênero e identidade, enfocando a posição da mulher na Grécia antiga e a homossexualidade, especificamente no personagem Penteu. Posteriormente, conversei informalmente com a Profa. Renata Kamla sobre meu interesse em aprofundamento. A pesquisa foi submetida ao Edital DIRPE Nº2/2023, sob o título: “Processos de criação dramáticas por meio das narrativas autobiográficas e questões de gênero: Dos textos clássicos relacionados à atualidade.”, sendo aprovada e fomentada pelo Programa de Excelência em Pesquisa (PEP) da Universidade Federal de Uberlândia. Esta pesquisa foi dividida em duas vertentes: uma conduzida por mim e outra pelo estudante Ítalo Gabriel Gonçalves Ferreira.

A metodologia adotada em ambas as pesquisas é performativa, tendo como fundamentação o pesquisador Brad Haseman⁶, guiando assim a pesquisa pela prática. Não tendo necessariamente uma ênfase no trabalho escrito, até mesmo porque o trabalho escrito não consegue abranger todo o processo de criação do experimento cênico, para tanto disponibilizo um link de acesso a gravação do compartilhamento do experimento cênico (21/09/2024), realizada por Alessandro Brito Carvalho, técnico administrativo – audiovisual do Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia (IARTE): ["O amor que não ousa dizer o seu nome..." 21/09/2024](#)

Brad Haseman diz o seguinte sobre a pesquisa performativa: “muitos pesquisadores guiados-pela-prática não iniciam o projeto de pesquisa com a consciência de ‘um problema’.

⁵ Egresso do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, na época estudante.

⁶ Professor na Creative Industries Faculty da Queensland University of Technology, Austrália

Na verdade, eles podem ser levados por aquilo que é melhor descrito como ‘um entusiasta da prática’: algo que é emocionante, algo que pode ser desregrado” (2006, p.44). Julgo que o desejo da pesquisa surge justamente a partir disso, da emoção, ao falar sobre si. Não começo com um problema específico, não tenho uma dramaturgia pré-concebida, sei que quero falar sobre a homossexualidade, a partir de Penteu, sobre o que causou a morte de Penteu, partindo de uma análise específica e analisando como esse fator se faz presente na sociedade e no meu corpo.

O experimento cênico assim como a pesquisa possuem uma profunda carga autobiográfica, incluindo relatos meus e de outras pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e mais (LGBTQIAPN+), coletados via formulário online, tendo para isso fundamentação na dissertação de Janaína Fontes Leite⁷: "Auto Escrituras Performativas: do diário à cena" (2017).

Olhando para minha trajetória no teatro, vejo que a autobiografia sempre se fez presentes no meu fazer artístico, minha primeira experiência se deu enquanto ainda estava cursando minha primeira graduação em Filosofia, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), durante o último ano da graduação participei do grupo de teatro, Filhos da PUC, dirigido por Elisa Santana. Nessa experiência realizamos a montagem de uma apresentação que tratava sobre as questões do feminino em nos corpos; posteriormente já em Uberlândia, participei da oficina de iniciação teatral, “Do útero à cena”, ministrada por Fernanda Puttinick e Letícia Venâncio⁸, trabalhamos com relatos autobiográficos, entendidos como histórias vividas pelos participantes da oficina ou que os envolvessem de alguma forma. Ao ingressar no curso de Teatro o desejo de trabalhar com o autobiográfico permanece.

A dramaturgia do experimento cênico está incluída no trabalho de conclusão de curso, sendo aqui entendida a partir do pesquisador Eugênio Barba⁹, para quem, “Numa representação, as ações (isto é tudo que tem a ver com a dramaturgia) não são somente aquilo que é dito e feito, mas também os sons, as luzes e as mudanças no espaço.” (Barba, 2012, p. 68). Todos os elementos da cena, são parte integrante da dramaturgia. Historicamente, o texto foi visto como o centro de todas as ações teatrais, mas essa única perspectiva não leva em conta o potencial comunicativo de outros elementos, como os sons, as luzes e as mudanças no espaço cênico, que também contribuem para a construção da narrativa e para a experiência do espectador. Com a evolução da tecnologia e dos elementos da modernidade a dramaturgia também se modificou.

⁷ Doutora em Artes Cênicas pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

⁸ Egressas do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

⁹ Autor italiano, pesquisador e diretor de teatro.

Durante a pesquisa, estive preocupado em como trazer relatos autobiográficos para a cena teatral, entretanto, essa preocupação se dava inicialmente apenas em relação ao texto, escrito e falado. A partir do estudo das pesquisas de Eugenio Barba e Janaína Fontes Leite, ampliei meu olhar e pude perceber que a narrativa autobiográfica também se constrói por meio de outros elementos que podem vir a compor a cena, uma vez que “O autobiográfico pode aparecer na forma de um texto, de algo que se assemelhe a um depoimento ou relato a partir de uma experiência vivida. Mas não só um texto configura um depoimento autobiográfico.” (Leite, 2014, p. 40).

Assim como a metodologia da pesquisa, a escrita se faz também de forma performativa, ora se fala de conceitos e a partir deles já falamos também da dramaturgia e vice-versa. Quando o texto estiver escrito em **amarelo**, consiste em orientações de ações ao leitor(a), **azul**, dramaturgia do experimento cênico e **vermelho**, formulário realizado com a população LGBTQIAPN+. Trazendo ainda nessa escrita relatos de outros artistas-criadores que participaram do processo de criação do experimento cênico. Ao fim do texto a dramaturgia será colocada na ordem em que é utilizada no experimento cênico.

O desejo de realizar esta pesquisa está profundamente ligado ao meu ser, a minha identidade Bixa, que esclarecerei na página 34, uma identidade que encontro a partir do teatro e me dá forças para resistir diante de uma sociedade que tenta reprimir e apagar a minha existência através de seus sistemas de poder.

O objetivo principal da pesquisa consiste em descrever o processo de criação do experimento cênico. Contudo, ao longo da descrição, surgem outros objetivos, como analisar o personagem Penteu da tragédia grega "As Bacantes" de Eurípedes, enfocando questões de gênero e identidade, tendo para isso como base bibliográfica o artigo de Waldir Moreira de Sousa Júnior¹⁰, “A Tragédia “As Bacantes” de Eurípedes Sob a Ótica dos Estudos de Gênero: Penteu e as Fronteiras do Masculino e do Feminino” (2019); examinar a relevância na sociedade atual; questões identitárias; os sistemas de poder que cerceiam a existência de corpos LGBTQIAPN+.

Busca-se compreender como essa questão de identidade a partir do personagem de uma obra clássica continua a ressoar na sociedade contemporânea, além de proporcionar uma oportunidade para amplificar vozes marginalizadas e promover discussões sobre questões de gênero e identidade na atualidade.

¹⁰ Doutor em letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Realiza pesquisa sobre tragédia grega, especificamente sobre o dionisismo na obra trágica (peças completas e fragmentárias) de Eurípedes.

No próximo tópico irei descrever a análise do personagem Penteu que foi a forma como cheguei à questão sobre identidade e o ponto de partida para o processo de criação do experimento cênico.

3. UM OLHAR PARA PENTEU

Antes de falarmos propriamente sobre Penteu, é necessário falarmos sobre a tragédia grega, considerado o gênero teatral mais antigo. Temos três grandes tragediógrafos na Grécia antiga: Ésquilo, Sófocles e o ateniense Eurípedes. Eurípedes é o autor da tragédia “As Bacantes”. Considerado por Miroel Silveira¹¹, o mais mundano, entre os três grandes tragediógrafos. Começou a valorizar em suas peças socialmente marginalizados, incluindo as mulheres e, também, os homossexuais. Escreveu quase cem peças, das quais apenas dezoito sobreviveram inteiras. Exalta a figura humana, destacando o que há de mais íntimo e comovente na criatura humana, deixando de lado a exaltação dos deuses e o heroísmo humano que estão presentes nas obras de Ésquilo e Sófocles.

Embora seja tido como um crítico da religião levando em consideração os outros tragediógrafos, a tragédia “As bacantes” vai de certa forma contra essa afirmação. A peça se passa em Tebas, cidade fundada pelo rei Cadmo e governada por seu neto, Penteu, filho de Agave. Os antecedentes à tragédia são descritos no prólogo por Dionísio, filho de Zeus e Sêmele, também filha do rei Cadmo. (Eurípedes, 1976, p.XXI-XXII). Sêmele foi morta durante a gestação de Dionísio. Hera, esposa de Zeus, descobriu sobre a gravidez de Sêmele e resolveu eliminá-la. Para isso, transformou-se na ama da princesa tebana e aconselhou-a a pedir ao amante que se mostrasse em todo o seu esplendor. Zeus advertiu Sêmele que, se ele se mostrasse a ela em todo o seu esplendor, isso a levaria à morte. No entanto, ela permaneceu firme em seu desejo. Como Zeus havia prometido nunca contrariar as vontades de Sêmele, ele se mostra em todo seu esplendor e o ato funesto aconteceu: o palácio pegou fogo e Sêmele morreu carbonizada. O feto foi salvo por Zeus, que o recolheu do ventre de Sêmele e o colocou em sua coxa até que se completasse o tempo da gestação. Não entraremos em pormenores sobre outros fatos, pois podemos nos desviar do foco da pesquisa, mas, em suma, Zeus transformou o filho em bode e o confiou aos cuidados das Ninfas e dos Sátiros no monte Nisa.

As irmãs de Sêmele não acreditavam que ela estava grávida de um deus, e essa foi a história que foi espalhada em toda a cidade de Tebas. Dionísio retornou a Tebas com o intuito principal de mostrar a veracidade sobre o relacionamento de sua mãe com Zeus e obter o reconhecimento de sua divindade. Dionísio fez com que as mulheres de Tebas, entre elas Agave, mãe de Penteu, ficassem enfeitiçadas pela loucura sagrada e passassem a cultuá-lo,

¹¹ Jornalista, escritor, dramaturgo, ator, diretor, professor, programador, redator, consultor literário, correspondente e crítico teatral, membro de comissões julgadoras, pesquisador, teatrólogo, diretor, tradutor, adaptador de romances, roteirista, argumentista e autor de musicais.

convidando todos os cidadãos de Tebas para tal culto. Até mesmo Cadmo, o rei, e o adivinho, Tirésias aderiram ao culto e se vestiram como bacantes¹².

Penteu, por outro lado, mostrou-se indignado com a instalação do culto e procurou pelo forasteiro que estava corrompendo a cidade. Cadmo e Tirésias tentaram converter Penteu aos cultos dionisiacos, mas de nada adiantou. Dionísio se apresentou a Penteu, em um disfarce e o encantou para que ele fosse até as montanhas disfarçado como bacante, sacerdotisa do culto de Baco. Nas montanhas, Penteu foi dilacerado por sua mãe, Agave, que não reconheceu o filho no delírio sagrado. Ela levou a cabeça do próprio filho para Cadmo e, ao voltar à razão, percebeu a loucura que havia cometido. Ambos reconheceram o poder e a ira do deus Dionísio.

Como dito anteriormente, Eurípedes aborda em suas peças as questões de gênero e sexualidade. Waldir Moreira de Sousa Júnior, no artigo: “A Tragédia ‘As Bacantes’ de Eurípedes Sob a Ótica dos Estudos de Gênero: Penteu e as Fronteiras do Masculino e do Feminino” (2019), analisa a oposição entre o feminino e o masculino em “As Bacantes”, representada nos personagens Dionísio e Penteu. É muito clara a distinção entre os dois personagens: enquanto Penteu é representado como um rei, que está à frente dos guerreiros de Tebas, Dionísio, pelo contrário, possui traços efeminados e está ao lado das mulheres, que o servem.

Waldir Moreira de Sousa Júnior, traz em seu artigo, acima citado, ainda outros pesquisadores que também fundamentam a causa da morte de Penteu em questões de gênero e sexualidade, Segal (1997, p. 189 *apud* Júnior, 2019, p.6) que defende uma crise de identidade do personagem e uma possível atração por Dionísio, atração essa que é reprimida a todo tempo, Csapo (1997, p. 253-295 *apud* Júnior, 2019, p.6) refere-se a uma obstinação do personagem pela feminilidade de Dionísio, Ormand (2003, p. 73-89 *apud* Júnior, 2019, p.6) que vê a questão de gênero quando Penteu se veste de mulher e nesse fator vê o feminino reprimido no personagem, LaRue (1968, p. 209-214 *apud* Júnior, 2019, p.8-9) diz que a morte de Penteu tem origem em uma “curiosidade sexual”.

Para Eurípedes não seria um problema deixar claro todos esses fatores na obra “As Bacantes”, o tragediógrafo já tinha escrito a peça “Crisipo” com personagens explicitamente homossexuais, porém essa não é uma questão clara no texto sendo possível realizar tais interpretações apenas através de possíveis traduções do texto. Portanto, a partir de agora eu trago a análise propriamente textual que Waldir Moreira de Sousa Júnior realiza.

¹² Sacerdotisas do culto de Baco/Dionísio.

Antes de Penteu aparecer, Cadmo o apresenta e nessa apresentação diz que o Personagem está perturbado, esta perturbação pode ter sido causada por questões sexuais. “Açodado, para este lado dirige seus passos aquele a quem dei poder sobre a nossa terra, Penteu, filho de Equíon. E que turvo semblante! Que virá dizer-nos?” (Eurípedes, 1976, p.83). A frase: “E que turvo semblante!” do original *hos eptóetai*, pode ser traduzida da seguinte forma: “Como está perturbado!”, Poole (1990, p. 118-120 *apud* Júnior, 2019, p.8-9) outro pesquisador que Waldir Moreira de Souza Júnior traz em seu texto vê nesse verso o que ocasiona a morte de Penteu, uma atração homoerótica. *Hos eptóetai*, portanto podendo “ser interpretado como um distúrbio psicológico ocasionado por um componente sexual”.

Logo que Penteu chega sua primeira fala já contém a seguinte frase: “Dizem que um forasteiro aqui chegou, mago da terra Lídia, de fulvos cabelos em madeixas perfumadas, de pele rosada e olhos ressudando as graças de Afrodite.” (Eurípedes, 1976, p.84). Penteu chega aflito e em sua primeira fala já deixa clara a sua admiração, “desejo” pelo forasteiro e sua beleza. “A descrição da aparência física do estrangeiro pode revelar um aspecto velado da perturbação de Penteu.” (Júnior, 2016, p.9). A descrição é feita novamente no encontro entre os personagens, quando Penteu diz: “Feio de corpo não és, forasteiro; (...) Branca é tua pele: naturalmente, ao abrigo do sol, na sombra, a preservas. Cativas por tua beleza as graças de Afrodite...” (Eurípedes, 1976, p.90).

Waldir Moreira de Sousa Júnior tenta compreender qual seria o motivo de Penteu se reprimir, para tal compreensão ele busca primeiro compreender a concepção do masculino na Grécia, a partir da homossexualidade. Eu compreendo esse termo a partir da contemporaneidade, pois na Grécia antiga não existia tal concepção, havendo opiniões divergentes sobre o tema, utilizando assim do pensamento de Masterson:

O ideal de masculinidade ateniense do século V AEC fazia uma distinção entre *anér* e *kinaídos*: o primeiro encarna os ideais do autocontrole, é guardião da honra e é guiado pela razão, já o *kinaídos* seria um homem que se solta sem controle aos seus apetites, que quer ser sexualmente dominado e penetrado por outros homens. (Masterson, 2014, p.20 *apud* Júnior 2016, P.12)

Uma das causas da repressão, portanto, poderia ser a repressão da sociedade, levando em consideração o ideal de masculinidade, as convenções aceitas pela sociedade. Porém, levando em consideração a descrição de Penteu ele não poderia ser lido como *kinaídos*, assim sendo não seria repreendido pela sociedade ateniense.

Penteu quer perseguir as bacantes, pede aos soldados que tragam as armas, Dionísio convence de forma rápida que Penteu não utilize armas e a espionar as bacantes e não mais

persegui-las. Nesse momento, Penteu diz o verso, que Waldir Moreira de Sousa Júnior adjetiva como “o verso paradigmático de sua transformação” (2016, p. 13). “O quê? De varão que sou, em mulher me vou tornar?” (Eurípedes, 1976, p.107). Dionísio convence Penteu a se vestir de bacante, utilizar trajes femininos e assim espionar as bacantes e ser morto por elas. Em nenhum momento fica evidente a razão explícita da morte de Penteu, podendo a questão do desejo e da repressão desse desejo ser uma das possibilidades.

A partir de agora parto para uma análise que eu realizo do texto, quando Dionísio está convencendo Penteu a se vestir de bacante, Penteu demonstra que isso seria uma vergonha, “Em traje de mulher? Que vergonha a minha...” (Eurípedes, 1976, P.107), mas logo em seguida demonstra tal preocupação: “E como atravessar a cidade, sem pelos tebanos ser visto?” (Eurípedes, 1976, P.108). Aqui se encontra o ponto central do experimento cênico e o que vai desencadear o processo de criação da cena teatral, o que causa a vergonha em Penteu, uma repressão individual ou o medo de seus súditos o verem em trajes femininos? A causa da morte de Penteu seria a repressão de seus desejos por medo do julgamento da sociedade? Sustento a ideia de que sim e a partir dessa análise eu apresento um dos relatos que utilizo.

Escutar: Ciranda da bailarina - Adriana Partimpim (2004) - [Ciranda da Bailarina - Adriana Partimpim](#)

Fotografias 1 – Montagem fotos experimento cênico – transição relato 2 para relato 3

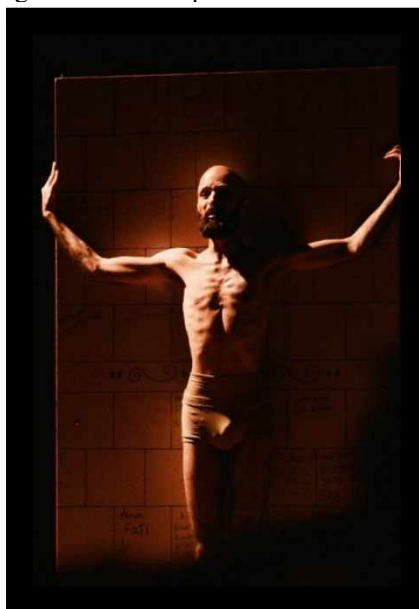


Fonte: Camila Branco Ribeiro

“Eu era de uma família com grande importância na cidade, meu avô foi prefeito, éramos todos muito conhecidos e respeitados, mas tinha um primo meu que nem mesmo a família conhecia era um primo bastardo que foi criado longe da família por conta de nossa reputação, depois de crescido ele procurou a família pois queria saber de suas origens e do que era dele por direito. Quando ele chegou e eu o vi, foi amor à primeira vista, mas eu não podia viver aquele amor por conta da reputação da nossa família. O que a cidade iria pensar? Um gay na família do homem mais respeitado da cidade? Então eu me reprimi e me condenei antes que eles me condenassem. Eu mesmo fui me matando aos poucos, membro, por membro, me matando por dentro, matando os meus desejos através da raiva, não vivendo por inteiro, por medo do que a cidade iria pensar, por medo do que a minha família iria pensar. Até que eu me matei. Fica então o questionamento qual foi a verdadeira causa da minha morte?”

O relato acima é o “relato 3” do experimento cênico, antes de ele acontecer. Caminho em linha reta de uma extremidade à outra da sala em silêncio retirando a roupa que uso na cena anterior, ao chegar na outra extremidade, eu pego a roupa de bailarina, admiro-a e começo a me vestir, enquanto canto: Ciranda da bailarina - Adriana Partimpim (2004) essa música foi adicionada na última semana de ensaio, portanto não considero esse trabalho como pronto e fechado, mas sim como um trabalho que está em constante transformação assim como nós também estamos, o trabalho é vivo. Ainda antes de dar o relato de Penteu, realizo uma partitura corporal, juntamente de duas músicas: *Bohemian Rhapsody* – Freddie Mercury: *Pliés 2* (2019) e *Threnody for the Victims of Hiroshima* – Penderecki (1999) as músicas foram intercaladas através de uma edição sendo que enquanto toca *Bohemian Rhapsody*, música escolhida por ser de um cantor LGBTQIAPN+ que morreu em decorrência da Síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS), realizo passos de *ballet* e enquanto toca *Threnody for the Victims of Hiroshima*, me locomovo com desespero pelo espaço cênico. Ao finalizar a música, eu início o depoimento no meio do palco, indo para uma extremidade do espaço cênico, retirando a roupa de *ballet* como se ela não me pertencesse mais, ficando como que crucificado relatando minha morte após uma breve pausa, finalizo realizando a pergunta do relato para o público no meio do palco.

Fotografia 2: Foto experimento cênico – relato 3



Fonte: Camila Branco Ribeiro

*Escutar junção das músicas **Bohemian Rhapsody: Plíés 2** (2019) e **Threnody for the Victims of Hiroshima** (THRENODY, 1999) - **Bohemian rhapsody - Plíés 2 e Threnody for the Victims of Hiroshima - Penderecki***

Realizo a atualização do texto pensando em como seria viver isso na atualidade (séc. XXI) sobre uma possível relação de poder do fundador de uma cidade, assim chego à função de prefeito, que é a pessoa, que querendo ou não, toda a cidade conhece e em uma cidade pequena, não apenas o prefeito, mas sim toda a sua família.

Para aqueles que não conhecem o texto clássico e até mesmo para aqueles que são conhecedores da tragédia pode ser que não fique posto a relação dessa narrativa com Penteu e Dionísio, mas a partir dessa explicação fica explanado a relação da obra clássica com a atualidade, realizando apenas a atualização do texto.

No próximo tópico tem início a explicação sobre como foi o processo de criação do experimento cênico e a busca por relatos e situações presentes na sociedade que se assemelham à situação de Penteu.

4. O PROCESSO CRIATIVO

A primeira pessoa que convido para participar do processo de criação é Maitê Máximo¹³, ela entra como preparadora corpóreo-vocal e diretora de movimento. Durante nosso primeiro encontro, explico para ela quais são as ideias, desejos, o objeto de estudo do projeto, levando referências. Maitê solicita que eu monte uma lista de reprodução com músicas que se relacionavam com o tema, para isso seleciono músicas de artistas LGBTQIAPN+. Em nossos primeiros encontros, trabalhamos o corpo com improvisações e Ações Básicas de esforço de Laban¹⁴. Maitê selecionou 5 músicas para realizar o exercício dança dos cinco ritmos criado por Gabrielle Roth ¹⁵(2025).

Maitê, respondendo perguntas que foram direcionadas a ela, explica o exercício da seguinte forma: “Neste exercício, os participantes dançam durante cinco músicas e para cada uma há uma ação e um tipo de movimentação diferente. Inspirado nessa vivência, adaptei esta prática para que o ator dançasse/passasse por cinco músicas escolhidas a partir da lista de reprodução e em cada uma delas explorasse dinâmicas de movimentos. A primeira música foi “Intimidade” de Liniker (2019) e os movimentos deveriam ser circulares, conectados e fluidos. A segunda música foi “Amor marginal” de Johnny Hooker (2012) e os movimentos deveriam ser mais estáticos, pontuados e “quebrados”. Na próxima música, “Homem com H” de Ney Matogrosso (1981), os movimentos deveriam ser explosivos, saltos, giros, tudo que quisesse executar. A quarta música, “Sorte” de Silva e Liniker (2023), foi e é um estado de recuperação, normalmente os participantes estão exaustos e a regra aqui é não parar e descobrir novos movimentos. Por último a música escolhida foi “Dancin’ Days” de As frenéticas (1978) e pedi para o ator realizar movimentos como se estivesse em uma apresentação, trazendo sua persona glamurosa dançando para a “plateia”. A partir desse exercício conseguimos criar uma partitura corporal para que ele executasse e aprimorasse. Nos exercícios não havia um certo e errado, pois a ideia é poder perceber as movimentações habituais e as não habituais para o ator e trabalhar com elas. Depois realizamos outros exercícios e movimentações, mas este foi o disparador principal para começar a costurar os textos e dar forma a um roteiro do espetáculo.”

Ao observar esse processo de criação do experimento cênico, percebo que ele levou em consideração aquilo que Eugênio Barba define como concatenação e a simultaneidade das ações, entendidas como “concatenação de causas e efeitos, ou através de uma alternância de

¹³ Egressa do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

¹⁴ Socar, pressionar, torcer, chicotear, deslizar, flutuar, sacudir e pontuar, combinações de fatores de movimento (Peso, Tempo, Espaço).

¹⁵ Dançarina e musicista norte-americana.

ações que representa dois desenvolvimentos paralelos. (...) simultaneidade, a presença simultânea de várias ações.” (Barba, 2012, p. 69).

Maitê foi muito atenciosa explorando movimentos confortáveis e desconfortáveis, sempre sendo muito atenta às possíveis potências para o trabalho, às minhas ideias, explorando minha corporalidade, criando partituras corporais inspiradas em *ballet* e dança contemporânea.

Durante um tempo trabalhamos apenas a fisicalidade, improvisando com textos que já havia utilizado na oficina “Do útero à cena”, enquanto buscava por outros relatos e à medida que iam surgindo eles eram adicionados. Maitê acredita na importância da “solidificação da fisicalidade do experimento” e ressalta que “os textos foram se encontrando facilmente com a subjetividade dos movimentos corporais e foi simples de organizar um roteiro para o experimento.”

A busca pelos textos partiu da premissa de que a causa da morte de Penteu foi uma repressão causada pela sociedade ateniense, assim entendendo o julgamento da sociedade como um sistema de poder que tolhe, cerceia, apaga e tenta de diversas formas diminuir a existência de corpos LGBTQIAPN+.

Começo então a busca por esses sistemas de poder que estão presentes na sociedade e que realizam a ação de apagamento de corpos LGBTQIAPN+. Para essa busca inicialmente utilizo o livro: “Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.” de João Silvério Trevisan (2018).

Ao realizar a pesquisa e escrever este livro, minha intenção foi exatamente esta: ajudar a recompor um território tantas vezes camuflado (quando não apagado) da vida e da cultura brasileiras. Se com isso pretendo responder aos guardiões da ‘moral nacional’ e a certos profetas de uma apressada escatologia homofóbica, também desejaria que a complexidade da investigação dispensasse antecipadamente rotulações - às vezes até bem-intencionadas - que reduzissem esta obra a mais uma peça folclórica exposta no jardim zoológico da indústria cultural, coisa muito comum neste país, sempre que o tema em pauta é a vivência homoerótica. (p.25-26)

Acredito que a obra é uma das melhores referências se tratando do assunto o autor realiza uma análise profunda, na tentativa de demonstrar as vivências homossexuais presentes no Brasil desde a colônia até a atualidade, procurando demonstrar como os sistemas de poder tentaram, tentam e tentarão sempre apagar a nossa existência. O próprio autor demonstra isso quando diz sobre as rotulações que colocam sobre a sua pesquisa, tentando diminuí-la.

Bancadas políticas, ciência, religião, mídia, saberes universitários, economia o que Trevisan nomeia como “mecanismos de controle social”, que evoluíram da inquisição e censura policial para a psiquiatria, o saber universitário e a mídia. São enumerados incontáveis exemplos na história do Brasil de casos de apagamento que aqui não vou me ater, me atenho

apenas a esses mecanismos de controle social que dialogam com a pesquisa, os exemplos serão buscados de outra forma.

A partir da leitura de “Devassos no paraíso” (2010) vão surgindo ideias do que pode vir a compor o experimento cênico, como questões sobre as visualidades da cena, personalidades que estão presentes no livro, músicas que estiveram presentes na história de vida dessa parcela da população. Documentários, filmes e reality shows, “Divinas divas” (2016), “Orgia ou O homem que deu cria” (1970), “*Dzi croquetes*” (2010), “Tatuagem” (2013), entre outros que assisti para ter referências visuais sobre a estética que poderia adotar.

Em “Devassos no paraíso” me deparo com a seguinte frase: “A cada vez que alguém sente o apelo da diferença em seu desejo, provavelmente terá de vencer séculos de repressão para chegar ao epicentro do seu eu.” (Trevisan, 2018, p.160). Pensando nisso, nesses séculos de repressão que tivemos, temos e ainda teremos - e aqueles que virão também terão que enfrentar - realizei um formulário anônimo com pessoas LGBTQIAPN+, neste formulário coletei relatos de situações em que a vida dessas pessoas foram cerceadas por “mecanismos de controle social”.

FORMULÁRIO

Este formulário tem como objetivo reunir relatos de pessoas LGBTQIAPN+ sobre situações em que suas vidas foram cerceadas por sistemas de poder presentes na sociedade. A participação é anônima e os dados serão usados apenas para fins de estudo, reflexão e possíveis projetos artísticos ou acadêmicos.

Você autoriza que suas respostas sejam utilizadas para fins acadêmicos e artísticos?

- SIM - próxima pergunta
- NÃO - Obrigado pela participação!!! Se você tiver dúvidas, quiser saber mais sobre o projeto. **E-mail:**guilherme.pimentel@ufu.br ou (34) 99868-6595.

Você pertence à comunidade LGBTQIAPN+?

- SIM - próxima pergunta
- NÃO - Obrigado pela participação!!! Se você tiver dúvidas, quiser saber mais sobre o projeto. **E-mail:**guilherme.pimentel@ufu.br ou (34) 99868-6595.

Como você se identifica?

- | | |
|-------------|--------------|
| ● Lésbica | ● Travesti |
| ● Gay | ● Transexual |
| ● Bissexual | ● Queer |

- Intersexual
- Assexual
- Pansexual
- Não-binária
- Outro: (espaço em branco para preencher).

Você já sofreu/sofre algum tipo de preconceito por algum sistema de poder presente na sociedade?

- SIM - próxima pergunta
- NÃO - Obrigado pela participação!!! Se você tiver dúvidas, quiser saber mais sobre o projeto. **E-mail:**guilherme.pimentel@ufu.br ou (34) 99868-6595.

Por qual sistema de poder você sofreu esse preconceito?

- Religião
- Familiar
- Mercado de trabalho
- Escolar
- Judiciário
- Policial
- Político
- Outros: (espaço em branco para preencher)

Relate a situação: (Espaço em branco para preencher)

Caso deseje relatar algo mais sinta-se à vontade: (espaço em branco para preencher)

Agradeço sua participação! Sua voz é extremamente valiosa. Compreendo que compartilhar essas experiências pode ser sensível e, por isso, agradeço por confiar neste espaço. Os relatos coletados serão feitos com respeito e responsabilidade, contribuindo para reflexões sobre os sistemas de poder presentes na sociedade e que afetam a comunidade LGBTQIAPN+.

Se você tiver dúvidas, quiser saber mais sobre o projeto ou precisar conversar.

E-mail:guilherme.pimentel@ufu.br ou (34) 99868-6595.

Para uso no experimento cênico, realizamos uma seleção dos relatos que nos pareciam mais em diálogo com nossas perspectivas. Abaixo incluo os relatos que foram utilizados no experimento cênico, com correções gramaticais e outros ajustes necessários para que melhor se dispusessem na cena e ao final do texto, como anexo, disponibilizo todos os relatos que obtive através do formulário sem nenhum tipo de alteração ou correção gramatical.

Foi na sétima série, e não é surpresa que durante essa fase as crianças estão começando a entrar na época da puberdade, descobrindo os próprios corpos. Meninos heterossexuais mesmo já começam a pensar e falar sobre sexo e meninas e isso é muito normalizado. Eu me descobri com meu melhor amigo, começou com um abraço, um toque, um aperto de mão, um beijo e quando a gente viu tava

ficando duro, mas isso não durou muito tempo, ele logo começou a me ameaçar, disse que falaria para toda escola que eu era gay, bixa, viadinho. Não demorou muito e as professoras e outras pessoas que trabalhavam na escola dizendo que: isso não era certo, que eu era muito novo pra isso, o que os meus pais iriam achar de ter um filho gay? Mas sabe o que eu acho engraçado que isso só acontece com crianças Queer, isso só acontece na infância de uma criança LGBTQIAPN+, enquanto crianças heterossexuais e cisgênero já são "bem resolvidas" e são instigadas a terem "namoradinhos" desde muito cedo, crianças queer estão confusas. E essa não aceitação leva muitas vezes a uma raiva e frustração que nos coloca uns contra os outros, e reverbera na nossa vida adulta.

Fotografias 3: Fotos experimento cênico – relato 2



Fonte: Camila Branco Ribeiro

Esse é o segundo relato utilizado no experimento cênico. Relato que inicia trazendo a delicadeza da infância e as descobertas que se dão nessa fase da vida, mas que finaliza de uma forma brusca, mostrando como a sociedade, o sistema escolar trata crianças LGBTQIAPN+, essa não é uma realidade utópica, mas sim a realidade de muitos de nós LGBTQIAPN+ e é uma forma de mostrar como que com um simples tolher de sentimentos pode sobrecarregar e reverberar na vida adulta de alguém.

Um dia eu estava em uma pregação e o pastor, que era meu tio, ao invés de passar a palavra de Deus e principalmente pregar o amor, fez questão de dizer os seguintes pensamentos: “As nossas televisões estão corrompidas, a globo... ela passa em suas novelas... nudez, homens se beijando, mulheres se

beijando e mantendo relações amorosas entre o mesmo sexo, não só as novelas da noite mas os conteúdos que nossos filhos veem... não podemos deixar!” Uma outra pastora afirmava que “perdeu sua filha” para “essas coisas espíritas e de lésbicas”. Ela trouxe essa discussão em um ensaio de dança que tínhamos, eu era muito próxima a filha dela e eu me opus, só não imaginava que ela ficaria falando para todos, durante todos os eventos, que eu acredito que todo tipo de amor é válido, ela afirmava que eu estava perdida com essa mentalidade. Minha mãe, que é homofóbica, cresceu no meio religioso, mas vem mudando pouco a pouco (menos quando tentei me assumir, disse que ficaria decepcionada com essas coisas de homossexualismo exatamente com essas palavras), daí discuti com a pastora, falou que mesmo não concordando tinha que respeitar minha opinião pois eu era apenas uma criança, se tivesse algum problema que falasse com ela ao invés de ficar falando de mim para todos. Claro que tive uma danada conversa desagradável com meus pais após essa situação, eu não havia me descoberto ainda mas já não me sentia bem vinda.

Eu não frequento a casa de um parente por ele ser crente e invalidar a minha existência. A igreja não nos reconhece, se aceitamos nossa sexualidade, não servimos pra eles, se aceitamos a religião, devemos nos reprimir. Na política, nossa representatividade é mínima, não é ouvida e praticamente se reduz a questões identitárias, não conseguimos aprofundar as falas e assuntos exatamente pela pouca representação.

A bancada evangélica no senado ou nos municípios querem barrar o casamento entre pessoas do mesmo sexo com alegações infundadas, preconceituosas e baseadas em uma religião que exclui a nossa existência.

Eu já fui expulso de uma igreja por ser gay! Sim, EXPULSO! Não tive liberdade de ser quem eu sou dentro da casa de Deus!

Na igreja eu já fui chamada de aberração, já trocaram de banco ao sentar do meu lado e perceberem o que eu era.

Aos 12 anos de idade minha irmã me convidou para frequentar uma igreja evangélica. A cunhada dela era pastora de lá. Porém eu percebi com o tempo que eles queriam me manter por lá, até demais, por conta do meu jeito afeminado de andar e de falar, eles queriam me mudar. Eu lembro de um dos

irmãos de lá, ele tinha trejeitos afeminados. Recordo bem dele testemunhar que apesar de todos os comentários que ele recebia por conta da sua feminilidade ele acabou casando-se com uma mulher. Depois disso acabei saindo de lá, mas os pastores, passaram mais de 1 ano me atormentando e pedindo pra eu voltar pra igreja. Por conta deste e outros motivos mais pessoais acabei me afastando da religião no geral. Hoje em dia me encontro feliz dentro da Umbanda, mas até então não tinha motivos para eu me sentir eu mesmo dentro de qualquer outra religião.

Os relatos acima, possuíam algum tipo de relação com a religião, optei por juntar todos eles e utilizá-los em forma de áudio. Em uma primeira versão, para ensaios abertos, solicitei que algumas pessoas dessem voz a esses relatos e que CX Martins¹⁶, editasse sobrepondo as vozes, trazendo a ideia do entrelaçamento de múltiplas vozes que coexistem e se misturam na sociedade com tantas opressões vindas através da religião. Para versão final, os relatos foram gravados por integrantes do Grupo de Dublagem do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia (GRUDUB), sob a direção e edição de CX Martins. A artista relata que para edição associou a sensação de bagunça a uma mente agitada com diferentes pensamentos involuntários que, para segunda versão, as intenções foram bem diferentes da primeira e que alguns áudios foram gravados por diferentes pessoas e com diferentes direcionamentos.

O intuito foi trazer veracidade e maior profundidade aos relatos que por si só já eram bem fortes e sensíveis. CX Martins julga que para ela foi certamente uma experiência única, pois nunca havia dirigido pessoas, ou seja, teve liberdade criativa com as vozes para dar vida aos relatos, direcionando quais as intenções e atuações necessárias para dar mais profundidade aos relatos e que ficou muito contente com o resultado.

Quando pensei em uma pessoa para edição dos relatos CX Martins foi a primeira pessoa que me veio à mente, uma vez que ela desempenhou um excelente trabalho, também fico muito feliz que isso tenha proporcionado a ela novas experiências.

Enquanto o áudio dos relatos é escutado pelo público, realizo uma partitura corporal que foi desenvolvida a partir de algumas imagens que a diretora de movimento, Maitê Máximo, solicitou que eu buscasse. Imagens de sistemas de poder presentes na sociedade, abaixo coloco as imagens, sendo que a partitura corporal foi realizada através da repetição e transformação, chegando basicamente ao esgotamento que é o momento em que paro a partitura corporal e com o áudio ainda sendo escutado e começo a colocar o figurino da próxima cena.

¹⁶ Estudante do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia.

Escute os áudios dos relatos nas duas versões.

Primeira versão relatos

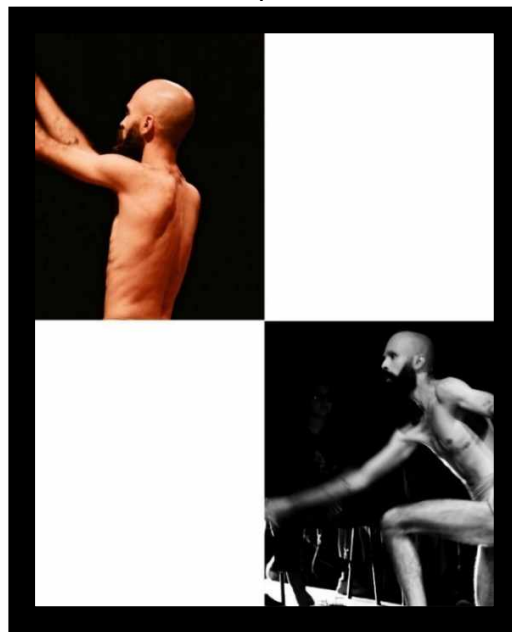
Segunda versão relatos

Fotografias 4: Montagem fotos inspiração partitura corporal



Fonte: Internet (veja referências)

Fotografias 5: Fotos experimento cênico – partitura corporal



Fonte: Camila Branco Ribeiro

Para a próxima cena, em um primeiro ensaio aberto (abril/2024), utilizei parte de um texto que escrevi para disciplina: Projetos Interdisciplinares I (PROINTER I) cursada no segundo semestre letivo de 2022, ministrada pela Profa. Dra. Paulina Maria Caon. Porém depois de refletir sobre todos os relatos sobre religião coletados, refleti também sobre a minha história, o tempo em que estive no seminário, os motivos que levaram a tomada de decisão por deixar o seminário. Com isso chego a uma segunda versão do “relato 5” partindo de um texto que escrevi inicialmente como legenda para uma publicação em minhas redes sociais e após se tornou parte do experimento cênico.

Escutar: Salve Regina (2019) - Salve Regina - Juliano Ravanello - Canto Católico

Primeira versão

A religião está presente em minha vida desde muito cedo. Lembro de minha mãe lendo para mim histórias de cunho religioso. Eu fui seminarista e tive experiências afetivas com outras pessoas do mesmo sexo ainda no período do seminário. Isso era algo que me incomodava muito: viver em um

ambiente, às custas de uma instituição que não concordava com o meu modo de vida. Mesmo vendo muitos que lá viviam essa vida dúbia, eu não conseguiria viver dessa forma e esse foi um dos motivos da minha desistência.

Segunda versão

Há "bichice demais" nos seminários, não aceitem mais padres e seminaristas que sejam abertamente gays, Francisco aconselhou um grupo de bispos. (BBC, 2025)

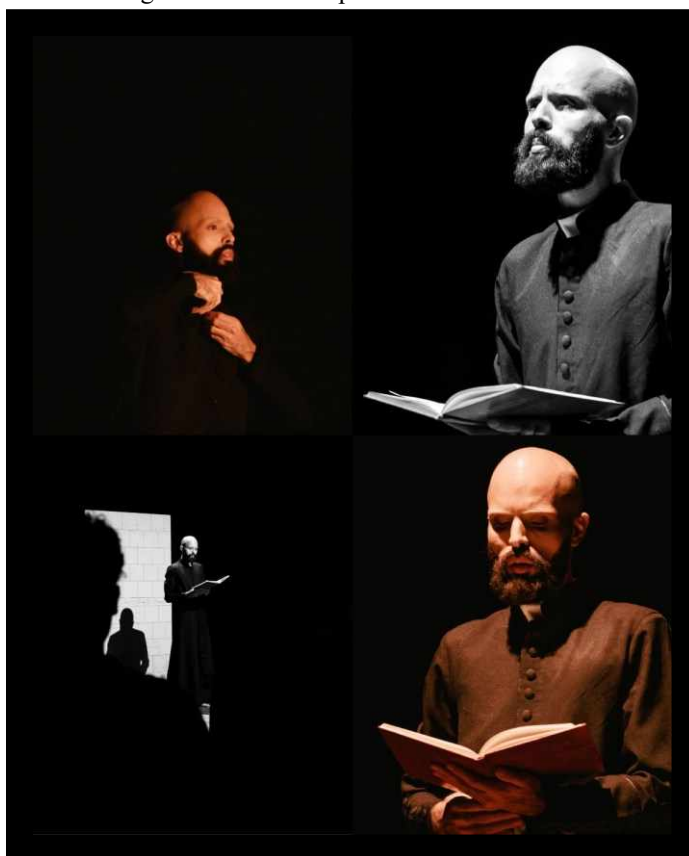
O Catecismo da Igreja Católica diz o seguinte sobre a homossexualidade: "Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta propensão, objetivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição". (Catecismo, CIC 2358, 1992)

Estas são as orientações do Catecismo da Igreja Católica, um texto que apresenta a doutrina da Igreja Católica aos seus fiéis. Durante muito tempo, eu não soube explicar muito bem o motivo de ter ido para o seminário. Eu julgava que era por conta do meio social ao qual estava inserido. Hoje, após toda essa repercussão e ao analisar alguns fatos, julgo que não seja só isso, mas sim que também fui influenciado a realizar essa escolha. Certa vez, durante um almoço na casa de uma madrinha, onde também estava o padre da paróquia que frequentávamos, ele disse: "Guilherme, você será padre!". Rapidamente, eu respondi: "Nunca precisei." Ali, a dúvida se instalou: por que eu deveria ser padre e por que não? Hoje, tendo conhecimento sobre este texto do Catecismo, entendo o motivo daquela orientação do padre. Algum tempo depois, ele quis que eu me afastasse de alguns amigos, pois eles eram considerados "muito espalhafatosos" e não eram bem vistos na Igreja, era considerado "muita bichisse". Um dos motivos da minha saída do seminário foi a minha orientação sexual. Eu não me via vivendo essa vida dupla, mas não julgo quem a vive. Como bem disse um padre jesuíta: "Se você é católico, eles celebram missas para você, batizaram seus filhos, ouviram suas confissões, visitaram você nos hospitais, presidiram seus casamentos e enterraram seus pais. A igreja seria imensuravelmente mais pobre sem eles".

Hoje, não sou mais católico e afirmo que deixar o seminário não é nada fácil. As palavras que ouvi quando disse que iria sair, apesar de todo o apoio que recebi da instituição, foram as seguintes: "Nós já estávamos realmente pensando em pedir um tempo para você". Em outras palavras, iriam me mandar embora. Não sei da veracidade disso, julgo que era mais um mecanismo para a instituição não sair por baixo. Mas sei de uma coisa: era "muita bichisse", não cabia lá dentro. Pensa, essa bixa no seminário, não ia dar certo. Ao sair, você é julgado a todo momento e em todo lugar. O olhar dos fiéis é como um "scanner" tentando decifrar os motivos, quando esses não são verbalizados através de inúmeros questionamentos. Venci mais uma batalha contra mais um sistema de poder que inconscientemente queria privar a minha voz.

"Se eu sou algo incompreensível, meu Deus é mais" (ESOTÉRICO, 2023)

Fotografias 6: Fotos experimento cênico – relato 5



Fonte: Camila Branco Ribeiro

Diria que este relato é um dos ápices da narrativa, uma vez que nele apresento reflexões sobre a minha identidade, o tempo vivido dentro de uma instituição, Igreja Católica, que me privou de identidade, essa reflexão parte da memória de várias outras pessoas que também foram e são privadas pela religião. Mas para além disso também reflito sobre a Arte que me

traz a possibilidade do encontro com a minha identidade, enquanto uma instituição, Igreja Católica, me priva a outra, UFU, me dá e permite que eu me perceba pertencente a um grupo.

A partir do momento em que eu conto minhas experiências, que os outros dividem os seus relatos, através do formulário e esses são partilhados no experimento cênico, os relatos, as experiências deixam de ser de quem viveu, são ressignificadas, já não conto exatamente como foi, conto como quem viveu lembra que aconteceu, os acontecimentos são ressignificados e isso toca o outro trazendo-lhe também a reflexão. “O depoimento é o caminho para se atingir a expressão de uma espécie de inconsciente coletivo onde a história de cada um passa a ser a história de todos” (Leite, 2014, p.38).

Escutar: Caboclo Pena Branca - Filhos de Xangô (2023)- [Louvação ao Caboclo Pena Branca](#)

Quando termino esse relato, canto um ponto de caboclo (canções utilizadas em religiões afro-brasileiras): “Caboclo Pena Branca” (2023). No primeiro ensaio aberto, realizado no dia 24/04/2024, não cantava, não trazia nenhuma menção a minha religião, apenas dizia que não era mais católico, nesse ensaio Joice de Paula¹⁷, sugeriu de após a cena cantar um ponto então introduzi, “Chamei o rei das matas” (2021), canção da “Tenda Coração de Jesus”, terreiro do qual sou filho e que sempre canto quando vou fazer minhas orações, porém não estava me sentindo confortável em realizar essa ação, por esse motivo realizei a troca para “Louvação ao caboclo Pena Branca” pois geralmente não é utilizado nos momentos ritualísticos do terreiro.

Escutar Chamei o rei das matas - Chamei o rei das matas (2021)- [Chamei o rei das matas](#)

A primeira versão do relato dessa cena é um recorte do trabalho, *IN MEMORIAN - MEMORIAL*, trabalho apresentado na disciplina de PROINTER I. Esse trabalho me proporcionou voltar o olhar para si e foi a partir dele que também fiz o recorte do primeiro relato que utilizo no experimento cênico, falando sobre a minha identidade e o tempo em que vivi sem saber como eu me identificava.

[Eu cresci sem saber qual era a minha identidade, sem ter alguém em quem eu pudesse me espelhar. Quem tem a orientação heterossexual geralmente não tem essa experiência pois sempre tem alguém](#)

¹⁷ Egressa do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, na ocasião ainda estudante.

em quem se espelhar, mas para nós é diferente, pois desde sempre somos privados da nossa existência. Mais tarde, eu tive conhecimento sobre o termo gay, mas ainda assim não me encaixava naquele termo. Achava quadrado demais, era muito padrão, eu não cabia dentro daquele recorte. Após a conclusão da minha primeira graduação, eu retorno para Uberlândia e alguns anos depois conheço Felipe Lemes. Participo de Oficina de iniciação teatral – COMUFU – ministrada por ele e outras duas alunas egressas do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. A partir desse contato, tenho conhecimento sobre o seu trabalho de conclusão de curso. Como tinha interesse pelo tema, solicitei a ele o trabalho para leitura e assim através da arte eu tenho conhecimento sobre a minha identidade BIXA.

Fotografias 7: Foto experimento cênico – recepção público



Fonte: Camila Branco Ribeiro

BIXA é isso mesmo que vocês escutaram. Esse termo que muitos utilizam como forma de diminuir a nossa existência é tido para mim como identidade. Esse termo “é empregado como uma questão de resistência epistemológica. Termos como bicha, viado, boiola, são popularizados para se referir a experiências singulares dentro da ideia da homossexualidade. (...) O uso do Y e do X para diferenciar identidades e experiências que são próprias da América Latina e da América do Sul. O objetivo é contestar e Transgredir uma escrita que, quando feita de forma eurocentrada e hegemônica, não consegue abarcar uma gama de singularidades que são brasileiras e latinas.” (Lemes, 2022, p.12)

Fotografias 8: Foto experimento cênico – relato 1



Fonte: Camila Branco Ribeiro

Escutar: Amor Marginal - Johnny Hooker (2012) - [Johnny Hooker - Amor Marginal](#)

Início o experimento cênico falando sobre a dificuldade em me identificar como gay, pelo fato de achar que o termo é muito padrão, que não consigo me encaixar nesse recorte, olhando para quem se identifica dessa forma. Em 2022, tenho contato com a Byxa - Felipe Lemes¹⁸ e a partir desse contato tenho conhecimento sobre o termo e assim consciência sobre a minha identidade.

Durante a pesquisa, tive contato com a obra de Paco Vidarte¹⁹, “Ética bixa: Proclamações literárias para uma militância LGBTQ” (2021). Paco Vidarte vai refletir sobre as questões identitárias, a origem da bixa, sobre as dificuldades de se identificar e se sentir como membro pertencente a um coletivo. Mais ainda se questionar sobre o que é ser bixa? e sobre essa pergunta, dizendo o seguinte sobre ela: “O assunto não pode ser dado por resolvido. Sobretudo porque, em cada época, cada um, em seu tempo, vai respondê-la como puder, como permitirem ou lhe como der na telha.” (Vidarte, 2021, p.53) A questão sobre: O que é ser bixa?, é uma questão que eu também não quero responder, também não quero encontrar a receita da origem das bixas, colocá-las em uma “caixinha” definindo como algo pronto, estático e

¹⁸ Egressa do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia, na ocasião ainda estudante.

¹⁹ Doutor em Filosofia pela Universidad de Comillas (Prêmio Extraordinário de Licenciatura). Foi professor titular na Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED).

acabado, respondo a essa pergunta com a minha história e minha vida, história essa que é impulsionada pela história das outras.

A identificação com o termo bixa surgiu como uma questão central durante o processo, especialmente a partir de uma provocação feita por Whander Alípi²⁰, no primeiro ensaio aberto do trabalho. Whander problematizou o uso das grafias “byxa” e “bixa”, apontando que o emprego do Y e do X tem sido historicamente reivindicado por sujeitos negros como uma estratégia política de ressignificação de um termo originalmente pejorativo, vinculando linguagem, raça e dissidência sexual. Reconhecendo a importância dessa discussão e respeitando seu contexto racial específico, optei por não utilizar a grafia byxa para me nomear.

A escolha pelo termo bixa, portanto, não se dá de forma aleatória. Diferentemente da palavra gay, que carrega um histórico de assimilação normativa e de certa neutralização política das dissidências, bixa preserva marcas de marginalização, afronta e desvio em relação às expectativas heteronormativas e cisnormativas. Ao me identificar como bixa, reivindico um lugar de vulnerabilidade, excesso e inadequação que atravessa minha experiência subjetiva e artística. A grafia com “i” assume, assim, uma posição ética e política: reconhece as disputas raciais presentes no debate contemporâneo sobre o termo, ao mesmo tempo em que afirma uma identidade que se constrói a partir da dissidência sexual, sem apagar as especificidades dessas discussões. Dessa forma, a escolha pela grafia bixa reflete tanto um posicionamento crítico quanto um cuidado em não me apropriar de uma marca linguística que emerge de experiências raciais que não são as minhas.

O próximo relato, foi adicionado após o primeiro ensaio aberto, sendo retirado do livro “Ambulare”, de Marco Aurélio Máximo Prado²¹, “livro sobre despatologização das transexualidades na materialidade de um ambulatório trans em uma cidade brasileira do estado de Minas Gerais” (2018, p.7). Essa cidade é Uberlândia e esse ambulatório é o CRAIST (Centro de Referência para Atenção Integral em Saúde Transespecífica) na UFU.

Início a cena explicando onde ela se passa, que vou convidar uma mulher cis da plateia para interpretar o papel de uma mulher trans e o motivo de realizar essa opção. Realizo a escolha de convidar uma mulher cis pelo fato. primeiramente de não querer que uma mulher trans reviva o preconceito que ela já enfrenta todos os dias. Relutei por colocar essa cena no experimento

²⁰ Doutoranda em Artes Cênicas e em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia

²¹ Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com experiência pós-Doutoral na Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Massachusetts/Amherst pela Fundação Fulbright. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e coordenador do Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT+ (NUH/UFMG).

cênico, na primeira vez que a fiz em um ensaio aberto tive uma resposta negativa ao convidar uma mulher para participar, portanto é algo que não foi fácil para mim.

Refletindo após as apresentações que realizei em setembro de 2024, cheguei à conclusão de que realmente não vou convidar mulheres trans que estejam na plateia para fazerem essa cena primeiramente pelo fato já explicado e em segundo lugar porque não sei como essas mulheres lidam com a situação, com o preconceito que enfrentam todos os dias, portanto não sei se estão preparadas para falarem sobre isso. Mas trazer a cena é muito importante pois faz o público abrir os seus olhos para o preconceito que pratica com essa parcela da sociedade.

Eu entrei na sala, ela estava lá sentada. Eu disse “oi, Belamy, tudo bem?” Ela ergueu a cabeça de lado, olhou em direção a algo que atravessara meu corpo e disse – **“EU NÃO ESTOU GOSTANDO NADA DESSA LEI NOVA! QUERO FAZER UMA RECLAMAÇÃO”**.

Eu reagi com um pouco de dúvida mas resolvi perguntar – “mas que lei?”. Ela imediatamente me olhou de forma a fixar o olhar em algo que não eu e continuou **“EU NÃO ESTOU GOSTANDO DESSA LEI, EU QUERO USAR O BANHEIRO É MASCULINO”**. Eu disse, “olha, não há lei que impeça você de escolher”. Aliás disse para ela – “não tem lei para dizer qual banheiro usar para ninguém, isso é uma convenção de gênero absurda e aqui você é quem escolhe”.

Belamy disse, **“NÃO É AQUI COM VOCÊ. É LÁ NO TERMINAL CENTRAL. DIZEM OS GUARDAS QUE TEM UMA LEI NONA QUE GENTE COMO EU TEM QUE USAR O FEMININO. EU QUERO USAR É O MASCULINO PORQUE É LÁ QUE EU...”** Ela trabalhava no banheiro masculino, fazia programas baratos e rápidos com homens no terminal central. Não usava o banheiro por direito, usava como um dever e um prazer. Belamy tinha o banheiro como lugar de ofício e prazer. (Prado, 2018, p. 49-50)

Fotografias 9: Fotos experimento cênico -relato 6



Fonte: Camila Branco Ribeiro

Perguntei às convidadas Bárbara Borges e Maria Eugênia Rocha (Maeu), sobre a experiência da participação e interpretação do papel. Bárbara relatou: “que a escolha de uma mulher da plateia instaura uma aproximação e identificação na situação, tanto para quem está lá quanto para quem está assistindo.”, a surpresa do convite fez com que ela ficasse “mais suscetível para o peso da temática, trazer o desconforto da situação para quem está em cena ajuda a trazer o mesmo para a plateia.”. Maeu relata que se sentiu “intimidada e com um certo olhar de julgamento ‘do público’, não consigo descrever ‘a emoção, sentimento despertados’, ela lembra que suas mãos estavam tremendo e suadas, quase não dava pra segurar o papel. A visão ficou meio turva de tão nervosa, quase não li as letras no papel. Por incrível que pareça o coração não batia rápido demais, mas na verdade, batia lento e pesado, bem no início da garganta, quase pulando pra fora. Acho que foi assim que Belamy se sentiu quando aconteceu tudo, mas infelizmente, só pra mim ficou registrado na minha realidade como ficção.”

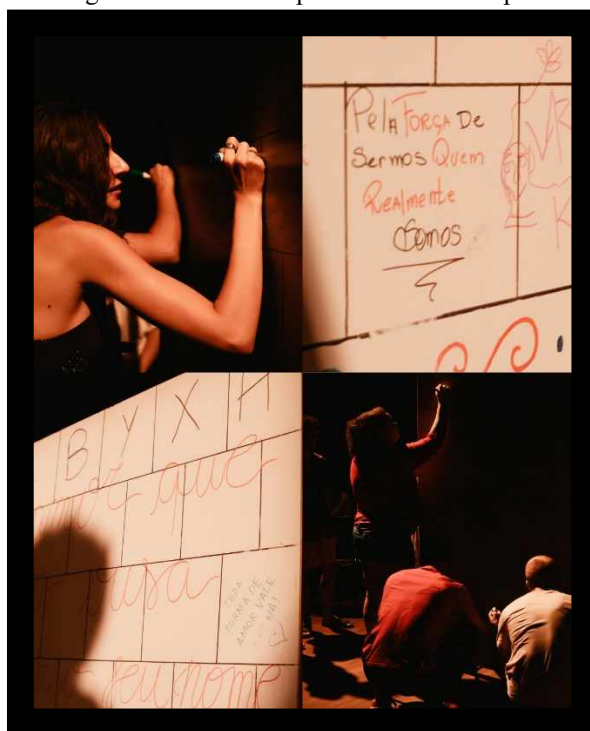
Relutei contra mim mesmo e deixei essa cena, pois se ela causa tantas reflexões em mim que sou membro da comunidade LGBTQIAPN+, imagine nos demais espectadores, até mesmo quando estamos reconhecendo os direitos da população trans estamos ferindo a existência deles. Outro motivo que fez com que eu mantivesse a cena foi a contextualização sobre o cenário do experimento cênico: as paredes do banheiro e o cheiro de eucalipto que é sentido ao entrar na sala, cheiro que é ligado a banheiros públicos e a saunas, como a própria Belamy relata no livro: “Você acha que vê aqueles homens lá fora tudo macho, entra no banheiro comigo é tudo

maricona.” (Prado, 2018, p. 52). No primeiro ensaio aberto, a Profa. Dra. Rosimeire Gonçalves dos Santos²², disse que não havia ficado evidente para ela o motivo do cenário ser um banheiro. Realizo essa escolha pelo fato de os banheiros públicos serem locais em que homens se encontram para fazer “pegação”, encontros às escondidas para satisfazerem os seus desejos, realidade que João Silvério Trevisan relata em “Devassos no Paraíso” (2018).

A fala de Bárbara Borges e Maeu Rocha também me fazem refletir que fiz uma escolha assertiva ao convidar uma mulher cis do público para interpretar o papel de Belamy e que consegui passar para o público a vulnerabilidade dela enquanto manifesta o seu desejo de utilizar o banheiro masculino como instinto de sobrevivência para trabalhar, para fazer programas, realidade imposta à população trans quando não são aceitas, bem recebidas no mercado de trabalho e ao mesmo tempo passar a força dessa mulher que está lutando manifestando essa necessidade, portanto convidar uma mulher do público que não vive essa realidade, dando a ela a orientação para que não se preocupe com o olhar do público, esteja ali e viva aquele momento comigo traz essa potência para a cena.

A cena seguinte é uma cena em que pergunto para o público se eles já escreveram algo em paredes ou portas de banheiros? Se sabem o motivo das pessoas fazerem isso? E “explico” o porquê das paredes e portas de banheiros serem cheias de mensagens deixadas por anônimos.

Fotografias 10: Fotos experimento cênico - público



Fonte: Camila Branco Ribeiro

²² Professora efetiva do Curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

Portas e paredes de banheiros públicos estão forradas com mensagens que, no dia a dia, dificilmente seriam pronunciadas. “Isso acontece porque a cabine do banheiro oferece privacidade. Ao fechar a porta, a pessoa está protegida pelo anonimato, e isso estimula o desejo de comunicação e a vontade de deixar uma marca no mundo”. Os escritos de banheiro são um manifesto de um conflito interno e uma forma de expressar ideias, desejos e fantasias inconscientes. (Hirata, 2010)

Convido então o público para que escreva nas paredes/portas que compõem o cenário aquilo que desejarem, aquilo que ninguém sabe, seus desejos, vontades, ressaltando que seria guardado o anonimato sobre tudo aquilo que foi escrito. Esperava que as pessoas fossem escrever coisas que realmente vemos nas paredes e portas de banheiros, porém o público foi mais “sutil” e não realizou escritos de cunho pornográfico, salvo algumas exceções. As escritas foram se acumulando ao longo dos ensaios abertos e compartilhamentos do experimento cênico que realizei em setembro de 2024 e a ideia é de que chegue um momento em que as escritas se sobreponham umas as outras.

Enquanto o público está escrevendo, eu troco de roupa e se ouve a música “Esotérico - Filipe Catto”, música que contém o refrão com o qual encerro o relato número 5. Após a música junto as duas paredes/portas que compõe o cenário, passo batom e sombra e dou o seguinte relato:

A arte vem para ressignificar a minha vida, minha identidade, me ajudando a me encontrar enquanto ser social, pertencente a uma comunidade. A arte me leva ao encontro de diversos outros que se identificam assim como eu, bixa. Através da arte pretendo mostrar para a sociedade toda a minha trajetória e as minhas vivências, tudo que tive de enfrentar para chegar até aqui e ocupar os espaços que ocupo e o quão difícil foi dar cada um dos passos. Muitos de nós encontramos na arte o espaço que buscamos para ser quem realmente somos sem o julgamento da sociedade, na arte eu posso tudo e posso assim realmente me expressar e mostrar o glamour da vida.

Fotografias 11: Fotos experimento cênico – relato 7



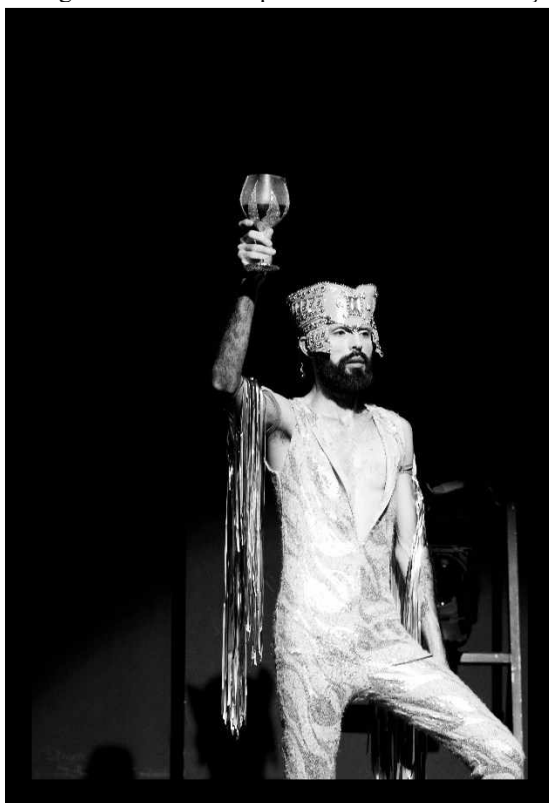
Fonte: Camila Branco Ribeiro

Escutar: Esotérico - Filipe Catto (2023) - Esotérico - Filipe Catto

Após o relato começo a dançar a música “Dancin days” - As frenéticas (1978), convidando o público para que também dance comigo. Nos primeiros ensaios abertos realizava uma dança, para as apresentações em setembro de 2024, realizava uma partitura corporal. Essa cena reflete o desejo de que nós, bixas, possamos realmente expressar nossas vontades e desejos, junto à sociedade, que possamos ser quem realmente somos e que possamos fazer isso não somente através da arte, mas sim todos os dias. Lembro quando no primeiro ensaio aberto, Whander Allípia ressaltou sobre a artificialidade da bixa, que por isso ela era aceita apenas através da arte, por isso a bixa é artística, portanto, dirijo minhas forças para que sejamos aceitas em todos os locais e contextos.

Encerro o experimento cênico, evocando, agradecendo e louvando a vida de todas as bixas que vieram antes de mim e abriram passagem para que eu chegasse até aqui e ocupasse os lugares que ocupo, ocupei e ainda vou ocupar, enquanto é projetado nas paredes/portas do banheiro que juntei anteriormente fotografias das bixas que evoco.

Fotografias 12: Foto experimento cênico - evocação



Fonte: Camila Branco Ribeiro

“O termo “bicha” é uma navalha que abre passagem para as outras. Uma passagem estreita recusada pela maioria que prefere o ajuste. Mas sempre fica a certeza de que, se uma bicha passa por ali, outras podem passar.” (Oliveira, 2018, p.20). Gratidão àquelas que vieram antes de mim, João Silvério Trevisan, Ney Matogrosso, Padre Pinto, Linn da Quebrada, Liniker, Jota Mombaça, Jhonny Hooker, Felipe Lemes, Whander Allipia, Ikaro Kadoshi, Solvero Pereira, Cazuza, Freddie Mercury, Roger Casement, Viviany Beleboni, Jaloo, Megg Rayara, entre tantas outras, a existência delas que abriu espaço, passagem mesmo que estreita para que eu chegasse onde estou, gratidão àquelas que estiveram ao meu lado em cada momento. Oxalá que a minha existência seja também essa navalha para que outras também venham a se identificar como BIXA.”

Vídeo: *Evocação às bixas que vieram antes de mim.*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRANSFORMAÇÃO

O texto é a carnificação do ser humano; ele é vivo e, justamente por ser vivo, transforma-se ao longo dos tempos. Cada escritura revela o tempo em que foi escrito e um pouco do ser de quem o escreveu. Este escrito, este trabalho revela um pouco ou muito de mim, do meu tempo, e daqueles que atravessam e atravessaram a minha existência. Todo texto contém um pouco do leitor; até mesmo aquele com o qual não nos identificamos traz um reflexo do nosso não-ser. A tragédia se transforma, encontrando na história a força para desconstruir imagens que foram moldadas pelo sistema. Tudo aquilo que vivemos já foi vivido, aquilo que escrevemos já foi vivido e o que lemos já foi vivido. A vida imita a arte e a arte, concomitantemente, imita a vida.

O experimento cênico: “O amor que não ousa dizer o seu nome...”, transforma a minha história, minha carreira artística, minhas vivências, processos de criação, assim como também o público entende sobre os sistemas de poder que se fazem presentes na sociedade e dos quais muitos deles fazem parte. O experimento cênico é um ambiente para amplificar as vozes da população LGBTQIAPN+, tenho a certeza disso quando o público me procura e relata que após participarem, se conscientizaram sobre preconceitos que realizavam com seus familiares e pessoas do seu convívio pessoal, quando espectadores solicitam que eu não deixe esse experimento cênico “acabar” que eu o leve para outros lugares e outros públicos para uma maior conscientização, além de conseguir levar pessoas que nunca tiveram contato com o teatro para dentro da Universidade proporcionando essa primeira experiência, essa abertura de um novo universo, o que era uma das propostas do projeto de Iniciação Científica que deu origem a cena teatral.

O trabalho ainda me proporciona o contato com outros artistas criadores com os quais pude compartilhar minha vida e minha existência durante o processo de criação e a pesquisa, dando autonomia e liberdade para que participassem do processo, trazendo suas vozes, pontos de vista e compartilhando-os comigo para que assim a cada dia aprimorasse mais o trabalho.

Rafaela Hazieli e Gabriela Rufina participaram do trabalho como operadoras de som e Rafaela, para além dessa função também foi designer gráfica, nos primeiros encontros Maitê operava o som, porém no segundo semestre ela não pode estar presente, participando de maneira online, então convidei as duas artistas para exercerem essa função. As duas experimentaram juntas comigo e a partir disso fomos aperfeiçoando e chegando ao *timing* correto. As duas me auxiliaram com a produção do experimento cênico e foram essenciais no processo de criação.

Lara Puccinelli desenhou o figurino final e participou do processo de criação e juntamente de sua mãe Rosângela realizou a confecção do adorno de cabeça e da customização

da taça utilizada na última cena. A referência para criação era o artista, Ney Matogrosso, a partir disso dei a liberdade para o processo de criação de ambas.

Júlia Ceneda foi quem realizou o processo de criação do desenho do mapa de luz e atuação de luz a partir do momento que tínhamos algo mais sólido, Júlia começou a participar dos ensaios entendendo a estética do experimento cênico e cada momento, assim como os outros artistas ela teve uma liberdade muito grande no processo de criação.

Todos os artistas convidados foram excepcionais e sou muito grato a cada um, foram essenciais no processo de criação e me ensinaram muito, assim como espero que também tenham aprendido com o processo.

Tal dinâmica, se fôssemos defini-la sucintamente, constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, trabalhando sem hierarquias– ou com hierarquias móveis, a depender do momento do processo – e produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos. (Araújo, 2006, p.127)

Contar com a presença de todos os envolvidos facilitou muito o processo de criação e fez com que tudo corresse da melhor forma possível, todos tinham uma autonomia muito grande para criar dentro das funções para quais foram convidados assim como também para dar sugestões na criação dos outros, tivemos também momentos de dificuldades para conciliar horários e relacionados a distância quando Maitê, no segundo semestre da pesquisa, não pôde estar presente presencialmente, porém perante todas as dificuldades encontramos as melhores soluções para que desenvolvêssemos e criássemos juntos.

Fizemos dois ensaios abertos durante o processo de criação, um em abril e outro em agosto de 2024, além de momentos em que convidamos pessoas para assistir cenas específicas, notamos que em alguns momentos a presença do público alterava totalmente a atmosfera das cenas e por esse motivo optamos pela realização dos ensaios abertos que foram excelentes mecanismos para se obter retornos sobre a cena e assim realizarmos o aprimoramento, como os casos de cenas que foram adicionadas após o retorno do público nas aberturas de processo, reflexões que partiram desses momentos e então me ative aos fatos e aprofundei nelas como partes integrantes da pesquisa, para além de a partir dos ensaios abertos termos a noção do que funcionava e o que não funcionava na cena.

Para além disso, a pesquisa também foi compartilhada na XII Reunião científica da ABRACE - Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas (setembro 2024) e V Encontro Latino-Americano de Investigadores(as) sobre Corpos e Corporalidades

nas Culturas (novembro 2024), proporcionando retornos pontuais, sobre o partir do teatro grego e se chegar à minha experiência de vida, misturar a historiografia clássica com o submundo do banheiro, provocações sobre possibilidades de desmembrar o experimento cênico em intervenções curtas que proporcionem mais espaços de trocas com os espectadores em “espaços não-convencionais”, questões sobre os corpos LGBTQIAPN+ e como esses corpos se comportam perante a sociedade e os sistemas de poder, principalmente a religião, para além de sugestões de referenciais bibliográficos que poderiam aprimorar e/ou aprofundar a pesquisa.

Voltando o meu olhar para o processo de criação como um todo vejo como o trabalho de diversas disciplinas cursadas ao longo da graduação se fizeram presentes durante o processo de criação e o quanto esse processo reflete a minha formação artística desde o primeiro período até o presente momento.

A análise do personagem Penteu, da obra *As Bacantes*, de Eurípedes, teve início no primeiro período do curso (2022.1), na disciplina Transformação das Tradições Teatrais e Clássicas. Desde então, esse estudo tem se desdobrado ao longo da minha formação acadêmica e artística, atravessando diferentes experiências, como o PIBIC e o Ateliê, e ampliando minhas reflexões sobre gênero, identidade e poder.

Esse percurso me levou a refletir criticamente sobre a sociedade e sobre as formas de preconceito que enfrento cotidianamente. Também me permitiu observar como essas violências atravessam meu corpo, minha trajetória e minha presença no mundo. Ao longo do processo, busquei articular os conhecimentos adquiridos em diversas disciplinas para a construção do experimento cênico, compreendendo-o como resultado de uma formação contínua e em transformação.

Mais do que uma investigação sobre um personagem clássico, esse trabalho tornou-se uma reflexão sobre a minha própria identidade e sobre meu lugar na sociedade. Entendo que essa identidade não é fixa, mas está em constante transformação, assim como minha prática artística. Acredito que minha presença em cena e minha arte podem provocar consciência nos sujeitos com quem me relaciono e contribuir, ainda que de forma sensível, para a construção de uma sociedade mais crítica e justa.

Para além disso, encerro este trabalho satisfeito por ter me aberto ao processo, compartilhando minhas experiências e vivências por meio da cena. O trabalho nasce do desejo de colocar em evidência histórias, corpos e subjetividades LGBTQIAPN+, historicamente atravessados por apagamentos e violências simbólicas. Ao trazer essas questões para o espaço

cênico, assumo um posicionamento político e artístico que busca tensionar os sistemas de poder que, cotidianamente, tolhem e diminuem essas existências.

Escutar e dançar: Dancin days - As frenéticas - Dancin' Days - As frenéticas

Fotografias 13: Fotos experimento cênico – dança com o público



Fonte: Camila Branco Ribeiro

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Antônio. O processo colaborativo no Teatro da Vertigem. **Revista Sala Preta**, São Paulo, n. 15, p. 127-133, 2006
- BARBA, Eugenio. Dramaturgia. In: BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A arte secreta do ator**: um dicionário de antropologia teatral. São Paulo: É Realizações. 2012. p. 68-73.
- BBC News Brasil. 2024. Não paginado. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/czrregye8v8o>. Acesso em: 26 fev. 2025.
- CATECISMO da Igreja Católica. Vaticano: 1992. Não paginado. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html. Acesso em: 26 fev. 2025.
- EURÍPIDES. **Medéia ; As bacantes**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.
- GOMES DE OLIVEIRA, M. R. Trejeitos e trajetos de gayzinhos afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na educação!. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 9, p. 161–191, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/25762>. Acesso em: 9 abr. 2024.
- HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. **Resumos do seminário de pesquisas em andamento PPGAC/USP**, São Paulo, v. 3.1, p. 41-53, 2015. [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/378/o/Manifesto_pela_pesquisa_performativa_\(Brad_Haseman\).pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/378/o/Manifesto_pela_pesquisa_performativa_(Brad_Haseman).pdf). Acesso em: 16 mar. 2025. Tradução: Marcello Amalfi.
- HIRATA, Giselle. Quais são as coisas mais bizarras já escritas nas portas de banheiros? **Super interessante**: Mundo estranho, [s. l.], 19 nov. 2010. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-as-coisas-mais-bizarras-ja-escritas-nas-portas-de-banheiros>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- JÚNIOR, Waldir Moreira De Sousa. A Tragédia “As Bacantes” de Eurípides Sob a Ótica dos Estudos de Gênero: Penteu e as Fronteiras do Masculino e do Feminino. **Revista Cantareira**, n. 24, 5 fev. 2019.
- LASAITIS, Cris. O poema do “amor que não ousa dizer seu nome”. **Anatomia da vertigem**. 2020. Disponível em: <https://cristinalasaitis.wordpress.com/2020/05/04/o-poema-do-amor-que-nao-ousa-dizer-seu-nome/>. Acesso em: 16 mar. 2025.
- LEMES, Felipe Augusto. **O que pode a professora byxa na escola?** Pensamentos e reflexões acerca da identidade byxa na educação básica. 2022. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022.
- LEITE, Janaína Fontes. **Auto Escrituras Performativas**: do diário à cena. São Paulo: Perspectiva, Fapesp. 2017.
- PRADO, Marco Aurélio Máximo. **Ambulare**. Belo Horizonte: PPGCOM, UFMG. 2018.

ROTH, Gabrielle. **5 Ritmos**. [S. l.], 2025. Disponível em: <https://www.5rhythms.com/>. Acesso em: 16 mar. 2025.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev. atual. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: Proclamações literárias para uma militância LGBTQ**. São Paulo: n-1 edições. 2021. Tradução: Pablo Cardellini Soto e Maria Selenir Nunes dos Santos.

AUDIOVISUAL

DIVINAS Divas. Direção: Leandra Leal. Produção: Vitrine Filmes. Brasil, 2016. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/80184130>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DZI Croquetes. Direção: Tatiana Issa, Raphael Alvarez. Produção: Rafael Alvarez, Alex Levy-Heller. Brasil, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3-Yt7Arxjrl>. Acesso em: 23 mar. 2025.

ORGIA ou O homem que deu cria. Direção: João Silvério Trevisan. Produção: João Silvério Trevisan e INF- Indústria Nacional de Filmes. São Paulo, 1970. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uDmGsL13ScQ>. Acesso em: 23 mar. 2025.

TATUAGEM. Direção: Hilton Lacerda. Produção: Rec Produtores Associados Ltda., Quanta Centro de Produções. Brasil, 2013. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81295580>. Acesso em: 23 mar. 2025.

MÚSICAS

AMOR marginal. Intérprete: Johnny Hooker. Compositor: Johnny Hooker. *In*: EU vou fazer uma macumba pra te amarrar, maldito!. Intérprete: Johnny Hooker. Belo Horizonte: Plan Music, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Esvg0E3C9gw>. Acesso em: 23 mar. 2025.

BOHEMIAN Rhapsody: Pliés 2. Intérprete: Andrew HOLDSWORTH. Compositor: FreddieMERCURY, . *In*: BALLET Class, Vol. 1: Songs from the 70s. Intérprete: Andrew HOLDSWORTH. Inglaterra: REIMAGINED RECORDINGS, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=abrPMxIbmfE>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CABOCLO Pena Branca. Intérprete: Filhos de Xangô. Compositor: José Carlos Alves Sá. *In*: CABOCLO pena branca. Intérprete: Filhos de Xangô. Brasil: Filhos de Xangô, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=abUV4Pz0SiQ>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CHAMEI o rei das matas. Intérprete: Tenda Coração de Jesus. Compositor: Pai Henrique de Xangô. *In*: PONTOS para caboclos. Intérprete: Tenda Coração de Jesus. Uberlândia: bandcamp, 2021. Disponível em: <https://tendacoraodejesus.bandcamp.com/track/chamei-o-rei-das-matas>. Acesso em: 23 mar. 2025.

CIRANDA da bailarina. Intérprete: Adriana Calcanhoto. Compositor: Edu Lobo e Chico Buarque. *In*: ADRIANA Partimpim. Intérprete: Adriana Calcanhoto. Brasil: SONY MUSIC ENTERTAINMENT BRASIL LTDA., 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=abrPMxIbmfE>. Acesso em: 23 mar. 2025.

DANCIN' days. Intérprete: As frenéticas. Compositor: Nelson Motta e Ruban. *In*: CAIA na gandaia. Intérprete: As frenéticas. São Paulo: Warner Music Brasil Ltda, 1978. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BZtDGUdfhNQ>. Acesso em: 23 mar. 2025.

ESOTÉRICO. Intérprete: Filipe Catto. Compositor: Gilberto Gil. *In*: BELEZAS são coisas acesas por dentro. Intérprete: Filipe Catto. São Paulo: Estúdio 12 dólares, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=60KtvbVbMDw>. Acesso em: 15 mar. 2025.

HOMEM com H. Intérprete: Ney Matogrosso. Compositor: Antônio Barros. *In*: NEY MATOGROSSO. Intérprete: NEY MATOGROSSO. Brasil: Ariola, 1981.

INTIMIDADE. Intérprete: Liniker e os Caramelows. Compositor: Liniker Barros. *In*: GOELA abaixo. Intérprete: Liniker e os Caramelows. São Paulo: Let's GIG - Booking & Music Services!, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Fs_mpX6aUY. Acesso em: 23 mar. 2025.

SALVE Regina. Intérprete: Juliano Ravanello. Compositor: Canto católico. *In*: CANTOS gregorianos. Intérprete: Juliano Ravanello. Curitiba: Corciolli, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XqL3GxSkuDg>. Acesso em: 23 mar. 2025.

SORTE. Intérprete: Silva e Liniker. Compositor: Celso Fonseca e Ronaldo Bastos. *In*: SILVA e Liniker. Intérprete: Silva e Liniker. Brasil: Som livre, 2023.

THRENODY for the victims of Hiroshima. Intérprete: National Polish Radio Symphony Orchestra.. Compositor: Krzysztof Penderecki. *In*: PENDERECKI: Symphony No. 3 / Threnody. Intérprete: National Polish Radio Symphony Orchestra.. Estados Unidos: Naxos Records, 1999. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dp3BIFZWJNA>. Acesso em: 23 mar. 2025.

APÊNDICE A - DRAMATURGIA

“O amor que não ousa dizer o seu nome...”

Recepção público - música: [Liniker e os Caramelows - Intimidade](#) (2019)

Vem me visitar de madrugada	Sou tua amiga, amante, serpente, meu doce
Coloca tua mão em mim, que eu deixo	bem
Sem pressa, você chega e fica	Soma, mas não some, fica e a gente dorme
Eu finco afeto nesse peito	Incenso a casa com alecrim
Três dias sendo leito	Cê segue a vida e eu sigo assim
Mamando no peito desse calor que é bom	Na estrada, no trem, de Berlim a Belém
Vem me visitar de madrugada	Soma, mas não some, fica e a gente dorme
Coloca tua mão em mim, que eu deixo	Incenso a casa com alecrim
Sem pressa, você chega e fica	Cê segue a vida e eu sigo assim
Eu finco afeto nesse peito	Na estrada, no trem, de Berlim a Belém
Três dias sendo leito	O que é que é tirar um tempinho pra ficar
Mamando no peito desse calor que é bom	mais perto de mim?
Sei que eu tenho o dom de dar mergulho	
com o olhar	Ah-aah
Pega e dirige pra casa no dia também	Ah-aah
Que o nosso carinho não dói em ninguém	
	Bom dia!

Ator já está em cena, se movimentando a partir do princípio dos viewpoints, e flutuar - compreendido a partir das Ações Básicas de Esforço de Laban, intenção de um desejo reprimido, início do movimento na coluna.

Ao terminar a música continua caminhando em grade e começa o relato.

RELATO 1

“Eu cresci sem saber qual era a minha identidade, sem ter alguém em quem eu pudesse me espelhar. Quem tem a orientação heterossexual geralmente não tem essa experiência pois

sempre tem alguém em quem se espelhar, mas para nós é diferente desde sempre somos privados da nossa existência. Mais tarde eu tive conhecimento sobre o **termo gay**, mas ainda assim não me encaixava naquele termo achava quadrado demais era muito **padrão**, eu não cabia dentro daquele recorte. Após a conclusão da minha primeira graduação, eu retorno para Uberlândia e alguns anos depois conheço Felipe Lemes. Participo de Oficina de iniciação teatral – COMUFU – ministrada por ele e outras duas alunas egressas do curso de Teatro da Universidade Federal de Uberlândia. A partir desse contato, tenho conhecimento sobre o seu trabalho de conclusão de curso. Como tinha interesse pelo tema, solicitei a ele o trabalho para leitura e assim através da arte eu tenho conhecimento sobre a minha identidade **BIXA**.”

Termina o relato no centro do palco e começa o movimento chicotear - compreendido a partir das Ações Básicas de Esforço de Laban.

Música: [Johnny Hooker - Amor Marginal](#) (2012)

Minha flor, não me machuques
Minha dor, não me abuses assim
Não tire mágoas
Tire mágoas de mim
Meu amor, não me invadas
Com o teu olhar
Não me deixes aqui a gritar
No meio do caminho, sozinho

Meu amor, não mais deixes escapar
Nenhum desejo no teu olhar
De pecados proibidos, esquecidos

Respirando mágoas de uma outra dor
Do nosso caso imoral
Desse amor, desse amor marginal
Eu vou

Minha flor, não me machuques
Minha dor, não me abuses assim
Não tire mágoas
Tire mágoas de mim
Meu amor, não me invadas
Com o teu olhar
Não me deixes aqui a gritar
No meio do caminho, sozinho

Meu amor, não mais deixes escapar
Nenhum desejo no teu olhar
De pecados proibidos, esquecidos

Respirando mágoas de uma outra dor
Do nosso caso imoral
Desse amor, desse amor marginal
Eu vou

Pra calar, o sexo mais banal
 Pra virar poesia
 Desse amor, desse amor marginal
 Eu vou

Minha flor
 Não mais deixes o azul dos dias nos calar
 Pois nesse mundo algo há
 De valer a pena, pequena

 Meu amor, me faça acreditar
 Que tudo é possível

Pois eu temo que não amanheça
 Se você se for

 Respirando mágoas de uma outra dor
 Do nosso caso imoral
 Desse amor, desse amor marginal
 Eu vou

 Pra calar o sexo mais banal
 Pra virar poesia
 Desse amor marginal
 Eu vou

*Movimentos Laban, chicotear, inicia plano alto e termina no plano baixo.
 Termina a música volta ao relato.*

“BIXA é isso mesmo que vocês escutaram, esse termo que muitos utilizam como forma de diminuir a nossa existência é tido **para mim** (se levanta) como identidade. ‘Esse termo é empregado como uma questão de resistência epistemológica. Termos como **bicha, viado, boiola**, são popularizados para se referir a experiências singulares dentro da ideia que se tem da homossexualidade. (Caminha até uma das paredes e escreve BIXA) O uso do Y e do X para diferenciar identidades e experiências que são próprias da América Latina e da América do Sul. O objetivo é contestar e transgredir uma escrita que, quando feita de forma eurocentrada e hegemônica, não consegue abarcar uma gama de singularidades que são brasileiras e latinas.’ (Lemes, 2022, p.12)”.

Pegar cadeira e se posicionar na frente do público.

RELATO 2

“Foi na sétima série, e não é surpresa pra ninguém que durante essa fase as crianças estão começando a entrar na época da puberdade, descobrindo os próprios corpos. Meninos heterossexuais mesmo já começam a pensar e falar sobre sexo e meninas e isso é muito

normalizado. Nessa época eu e meu melhor amigo nos descobrimos juntos, começou com um carinho, um abraço, um beijo, um aperto de mão e quando a gente viu tava ficando duro, mas isso não durou muito tempo, logo após ele disse que falaria para toda escola que eu era gay, não demorou muito para isso acontecer. *(muda de lugar)* Quando ele espalhou isso pela escola, logo vieram as pessoas que trabalhavam na escola dizendo que "não é não, você é muito novo pra isso", "o que seus pais vão achar de ter um filho gay", "você acha que eles vão gostar". Sabe o que eu acho engraçado nessa história? *(muda de lugar)* Enquanto crianças heterossexuais e cisgênero já são "bem resolvidas", crescem sendo instigadas a terem seus namoradinhos e namoradinhas, crianças queer estão confusas, somos privados da nossa identidade, da nossa existência desde sempre. E essa não aceitação leva muitas vezes a uma raiva e/ou frustração que nos coloca uns contra os outros, e reverbera na nossa vida adulta.”

Volta com a cadeira para o ponto inicial e se locomove até as malas. Começa a colocar a sapatilhas de bailarina e tutu, cantando: “Ciranda da bailarina” – Adriana Calcanhoto – “Partimpim” (2004)

Procurando bem	Um irmão meio zarolho
Todo mundo tem pereba	Só a bailarina que não tem
Marca de bexiga ou vacina	Nem unha encardida
	Nem dente com comida
E tem piriri	Nem casca de ferida ela não tem
Tem lombriga, tem ameba	Não livra ninguém
Só a bailarina que não tem	Todo mundo tem remela
	Quando acorda às seis da matina
E não tem coceira	
Verruga nem frieira	Teve escarlatina
Nem falta de maneira ela não tem	Ou tem febre amarela
	Só a bailarina que não tem
Futucando bem	
Todo mundo tem piolho	Medo de subir, gente
Ou tem cheiro de creolina	Medo de cair, gente
	Medo de vertigem quem não tem?
Todo mundo tem	

Confessando bem

Todo mundo faz pecado

Logo assim que a missa termina

Todo mundo tem

Um primeiro namorado

Só a bailarina que não tem

Sujo atrás da orelha

Bigode de groselha

Calcinha um pouco velha ela não tem

O padre também

Pode até ficar vermelho

Se o vento levanta a batina

Reparando bem

Todo mundo tem pentelho

Só a bailarina que não tem

Sala sem mobília

Goteira na vasilha

Problema na família quem não tem?

Procurando bem

Futucando bem

Confessando bem

Todo mundo tem

Ao terminar colocar as sapatilhas e o tutu, caminha para o centro do palco.

Música: [Bohemian rhapsody - Plies 2 e Threnody for the Victims of Hiroshima](#) (2019 e 1999)

Movimentos ballet e “desespero”, correr. Ao terminar a música começa o seguinte relato.

RELATO 3

“Eu era de uma família com grande importância na cidade, meu avô foi prefeito, éramos todos muito conhecidos e respeitados, mas tinha um primo meu que nem mesmo a família conhecia era um primo bastardo que foi criado longe da família por conta de nossa reputação, depois de crescido ele procurou família pois queria saber de suas origens e do que era dele por direito. Quando ele chegou e eu o vi, foi amor a primeira vista, mas eu não podia viver aquele amor por conta da reputação da nossa família. O que a cidade iria pensar? (Começa a se locomover para a parede em que está escrito Bixa e tirar as sapatilhas e o tutu, jogando para longe) Um gay na família do homem mais respeitado da cidade? Então eu me reprimi e me condenei antes que eles me condenassem. (imagem crucificado) Eu mesmo fui me matando aos poucos, membro por membro, me matando por dentro, matando os meus desejos através da raiva, não vivendo por inteiro, por medo do que a cidade iria pensar, por medo do que a minha família iria pensar. Até que eu me matei. (Vai para o centro do palco) Fica então o questionamento qual foi a verdadeira causa da minha morte?”

Partitura de movimentos, repetição, princípio Pina Bausch, enquanto áudio dos relatos está sendo ouvido.

Segunda versão relatos

RELATO 4

Um dia eu estava em uma pregação e o pastor, que era meu tio, ao invés de passar a palavra de Deus e principalmente pregar o amor, fez questão de dizer os seguintes pensamentos: “As nossas televisões estão corrompidas, a globo ela passa em suas novelas nudez, homens se beijando, mulheres se beijando e mantendo relações amorosas entre o mesmo sexo, não só as novelas da noite, mas os conteúdos que nossos filhos veem... não podemos deixar!” Uma outra pastora afirmava que "perdeu sua filha" para "essas coisas espíritas e de lésbicas". Ela trouxe essa discussão em um ensaio de dança que tínhamos, eu era muito próxima a filha dela e eu me opus, só não imaginava que ela ficaria falando para todos, durante todos os eventos, que eu acredito que todo tipo de amor é válido, ela afirmava que eu estava perdida com essa mentalidade. Minha mãe, que é homofóbica, cresceu no meio religioso, mas vem mudando pouco a pouco (menos quando tentei me assumir, disse que ficaria decepcionada com essas coisas de homossexualismo exatamente com essas palavras), daí discutiu com a pastora, falou que mesmo não concordando tinha que respeitar minha opinião pois eu era apenas uma criança, se tivesse algum problema que falasse com ela ao invés de ficar falando de mim para todos. Claro que tive uma danada conversa desagradável com meus pais após essa situação, eu não havia me descoberto ainda, mas já não me sentia bem-vinda.

Eu não frequento a casa de um parente por ele ser crente e invalidar a minha existência. A igreja, não nos reconhece, se aceitamos nossa sexualidade, não servimos para eles, se aceitamos a religião, devemos nos reprimir. Na política, nossa representatividade é mínima, não é ouvida e praticamente se reduz a questões identitárias, não conseguimos aprofundar as falas e assuntos exatamente pela pouca representação.

A bancada evangélica no senado ou nos municípios querem barrar o casamento entre pessoas do mesmo sexo com alegações infundadas, preconceituosas e baseadas em uma religião que exclui a nossa existência.

Eu já fui expulso de uma igreja por ser gay! Sim, EXPULSO! Não tive liberdade de ser quem eu sou dentro da casa de Deus!

Na igreja eu já fui chamada de aberração, já trocaram de banco ao sentar-se do meu lado e perceberem o que eu era.

Aos 12 anos de idade minha irmã me convidou para frequentar uma igreja evangélica. A cunhada dela era pastora de lá. Porém eu percebi com o tempo que eles queriam me manter por lá, até demais, por conta do meu jeito afeminado de andar e de falar, eles queriam me mudar. Eu lembro de um dos irmãos de lá, ele tinha trejeitos afeminados. Recordo bem dele testemunha que apesar de todos os comentários que ele recebia por conta da sua feminilidade ele acabou casando-se com uma mulher. Depois disso acabei saindo de lá, mas os pastores, passaram mais de 1 ano me atormentando e pedindo para eu voltar pra igreja. Por conta deste e outros motivos mais pessoais acabei me afastando da religião no geral. Hoje em dia me encontro feliz dentro da Umbanda, mas até então não tinha motivos para eu me sentir eu mesmo dentro de qualquer outra religião.

Ainda enquanto o áudio está sendo escutado, começa a colocar a batina, após colocar se ajoelha na frente da parede oposta com o escrito Bixa e começa a cantar, sobrepondo ao som dos áudios.

Salve Regina - Juliano Ravanello - Canto Católico (2015)

Salve Regina - Salve Rainha
 Salve, Regina, Mater misericordiae
 Vita, dulcedo, et spes nostra, salve
 Ad te clamamus, exsules filii Hevae
 Ad te suspiramus, gementes et flentes
 In hac lacrimarum valle

Eia, ergo, advocata nostra, illos tuos
 Misericordes oculos ad nos converte
 Et Jesum, benedictum fructum ventris tui
 Nobis post hoc exilium ostende

O clemens
 O pia
 O dulcis Virgo Maria

Se levanta começa o relato de costas.

RELATO 5

Há "bichice demais" nos seminários, não aceitem mais padres e seminaristas que sejam abertamente gays, Francisco aconselhou um grupo de bispos. (Se vira, fica parado durante todo relato, movimentando apenas a cabeça)

O Catecismo da Igreja Católica diz o seguinte sobre a homossexualidade: "Um número considerável de homens e de mulheres apresenta tendências homossexuais profundamente enraizadas. Esta propensão, objetivamente desordenada, constitui, para a maior parte deles, uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á, em relação a eles, qualquer sinal de discriminação injusta. Estas pessoas são chamadas a realizar na sua vida a vontade de Deus e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar devido à sua condição". (Catecismo, CIC 2358, 1992)

Estas são as orientações do Catecismo da Igreja Católica, um texto que apresenta a doutrina da Igreja Católica aos seus fiéis. Durante muito tempo, eu não soube explicar muito bem o motivo de ter ido para o seminário. Eu julgava que era por conta do meio social ao qual estava inserido. Hoje, após toda essa repercussão e ao analisar alguns fatos, julgo que não seja só isso, mas sim que também fui influenciado a realizar essa escolha. Certa vez, durante um almoço na casa de uma madrinha, onde também estava o padre da paróquia que frequentávamos, ele disse: "Guilherme, você será padre!". Rapidamente, eu respondi: "Nunca precisei." Ali, a dúvida se instalou: por que eu deveria ser padre e por que não? Hoje, tendo conhecimento sobre este texto do Catecismo, entendo o motivo daquela orientação do padre. Algum tempo depois, ele quis que eu me afastasse de alguns amigos, pois eles eram considerados "muito espalhafatosos" e não eram bem-vistos na Igreja, era considerado "muita bichisse". (pausa) Um dos motivos da minha saída do seminário foi a minha orientação sexual. Eu não me via vivendo essa vida dupla, mas não julgo quem a vive. Como bem disse um padre jesuíta: "Se você é católico, eles celebram missas para você, batizaram seus filhos, ouviram suas confissões, visitaram você nos hospitais, presidiram seus casamentos e enterraram seus pais. A igreja seria imensuravelmente mais pobre sem eles".

Hoje, não sou mais católico e afirmo que deixar o seminário não é nada fácil. As palavras que ouvi quando disse que iria sair, apesar de todo o apoio que recebi da instituição, foram as seguintes: "Nós já estávamos realmente pensando em pedir um tempo para você". Em outras palavras, iriam me mandar embora. Não sei da veracidade disso, julgo que era mais um mecanismo para a instituição não sair por baixo. Mas sei de uma coisa: era "muita bichisse", não cabia lá dentro. Pensa, essa bixa (bate no peito) no seminário, não ia dar certo. Ao sair,

você é julgado a todo momento e em todo lugar. O olhar dos fiéis é como um "scanner" tentando decifrar os motivos, quando esses não são verbalizados através de inúmeros questionamentos. Venci mais uma batalha contra mais um sistema de poder que inconscientemente queria privar a minha voz.

“Se eu sou algo incompreensível, meu Deus é mais” (ESOTÉRICO, 2023)

Começa a tirar a batina e a cantar: [Caboclo Pena Branca](#) (2023)

Ponto de Caboclo Pena Branca - Louvação	Clareia a aldeia de seu Pena Branca
Ao Caboclo Pena Branca - Juliana D Passos	Clareia lua clareia
	Quem nesse caboclo não perde a confiança
Não tem distância	
Não importa o caminho	Okê, caboclo
Não há fronteiras	Seus filhos querem lhe agradecer
Que possa me impedir	Okê, caboclo
	Senhor da mata virgem
Seja onde for	Venha sempre me valer
Eu vou louvar esse caboclo	
Que me criou	Okê, caboclo
E me ensinou a lhe seguir	Seus filhos querem lhe agradecer
	Okê, caboclo
Lá na aldeia onde os tambores tocam	Senhor da mata virgem
Reúne moço, velhinho e criança	Venha sempre me valer
Clareia, lua clareia	

Coloca jaleco, pega cadeira coloca no centro do palco, explica sobre a cena que vai acontecer, onde ela acontece e pede ajuda de uma mulher cis do público.

RELATO 6

“Eu entrei na sala, ela estava lá sentada. Eu disse “oi, Belamy, tudo bem?” Ela ergueu a cabeça de lado, olhou em direção a algo que atravessara meu corpo e disse – **“eu não estou gostando nada dessa lei nova! Quero fazer uma reclamação”**.”

Eu reagi com um pouco de dúvida mas resolvi perguntar – “mas que lei?”. Ela imediatamente me olhou de forma a fixar o olhar em algo que não eu e continuou **“eu não estou gostando dessa lei, eu quero usar o banheiro é masculino”**. Eu disse, “olha, não há lei que impeça você de escolher”. Aliás disse para ela – “não tem lei para dizer qual banheiro usar para ninguém, isso é uma convenção de gênero absurda e aqui você é quem escolhe”.

Belamy disse, **“não é aqui com você. É lá no terminal central. Dizem os guardas que tem uma lei nova que gente como eu tem que usar o feminino. Ei quero usar é o masculino porque é lá que eu...”** Ela trabalhava no banheiro masculino, fazia programas baratos e rápidos com homens no terminal central. Não usava o banheiro por direito, usava como um dever e um prazer. Belamy tinha o banheiro como lugar de ofício e prazer.” (Prado, 2018, p. 49-50)

Agradece pede que a pessoa volte ao seu lugar, levando de volta a cadeira, o ator também leva a sua cadeira de volta para o lugar em que ela estava, enquanto realiza essa ação e tira o jaleco, pergunta ao público se eles já foram a um banheiro, se já escreveram algo na parede ou porta de um banheiro, se sabem o motivo das pessoas fazerem isso? Explica o motivo.

“Portas e paredes de banheiros públicos estão forradas com mensagens que, no dia a dia, dificilmente seriam pronunciadas. “Isso acontece porque a cabine do banheiro oferece privacidade. Ao fechar a porta, a pessoa está protegida pelo anonimato, e isso estimula o desejo de comunicação e a vontade de deixar uma marca no mundo”. Os escritos de banheiro são um manifesto de um conflito interno e uma forma de expressar ideias, desejos e fantasias inconscientes.” (Hirata, 2010)

Informa que agora o público pode se expressar, escrevendo nas paredes do cenário com as canetas que estão no chão próximo às paredes, manifestando seus desejos, preconceitos, aquilo que ninguém sabe, explica qual será o tempo da ação e enquanto ocorre isso o ator troca de roupa.

Música: [Esotérico - Filipe Catto](#) (2023)

Não adianta nem me abandonar	Até muito mais difíceis que eu pra você
Porque mistério sempre há de pintar por aí	Que eu, que dois, que dez, que dez milhões
Pessoas até muito mais vão lhe amar	Todos iguais

Até que nem tanto esotérico assim

Se eu sou algo incompreensível

Meu Deus é mais

Mistério sempre há de pintar por aí

Não adianta nem me abandonar

Nem ficar tão apaixonada, que nada

Que não sabe nadar

Que morre afogada por mim

Não adianta nem me abandonar

Porque mistério sempre há de pintar por aí

(por aí, por aí)

Pessoas até muito mais vão lhe amar

Até muito mais difíceis que eu pra você

Que eu, que dois, que dez, que dez milhões

Todos iguais

Até que nem tanto esotérico assim

Se eu sou algo incompreensível

Meu Deus é mais

Mistério sempre há de pintar por aí

Não adianta nem me abandonar

Não adianta, não

Nem ficar tão apaixonada, que nada

Que não sabe nadar

Que morre afogada por mim

Não, não, não, não adianta

Me abandonar

Ao término o ator move uma das paredes, formando uma única parede, coloca um espelho, começa o relato enquanto passa batom, blush, sombra/glitter.

RELATO 7

A arte vem para ressignificar a minha vida, minha identidade, me ajudando a me encontrar enquanto ser social, pertencente a uma comunidade. A arte me leva ao encontro de diversos outros que se identificam assim como eu, bixa. Através da arte pretendo mostrar para a sociedade toda a minha trajetória e as minhas vivências, tudo que tive de enfrentar para chegar até aqui e ocupar os espaços que ocupo e o quão difícil foi dar cada um dos passos. Muitos de nós encontramos na arte o espaço que buscamos para ser quem realmente somos sem o julgamento da sociedade, na arte eu posso tudo e posso assim realmente me expressar e mostrar o glamour da vida.

Se vira e começa partitura corporal, primeira vez sozinho e após convida o público para dançar junto.

Música: [Dancin' Days - As frenéticas](#) (1978)

Abra suas asas
Solte suas feras
Caia na gandaia
Entre nessa festa
E leve com você
Seu sonho mais lou
Ou, ou, ou, louco
Eu quero ver esse corpo
Lindo, leve e solto

A gente às vezes
Sente, sofre, dança
Sem querer dançar

Na nossa festa
Vale tudo
Vale ser alguém
Como eu
Como você

Abra suas asas
Solte suas feras
Caia na gandaia
Entre nessa festa

E leve com você
Seu sonho mais lou
Ou, ou, ou, louco
Eu quero ver esse corpo
Lindo, leve e solto

A gente às vezes
Sente, sofre, dança
Sem querer dançar

Na nossa festa
Vale tudo
Vale ser alguém
Como eu
Como você

A gente às vezes
Sente, sofre, dança
Sem querer dançar

Na nossa festa
Vale tudo
Vale ser alguém
Como eu
Como você

Dance bem
Dance mal
Dance sem parar
Dance bem
Dance até
Sem saber dançar

Dance bem
Dance mal
Dance sem parar
Dance bem
Dance até
Sem saber dançar

Na nossa festa
Vale tudo
Vale ser alguém
Como eu
Como você

Na nossa festa
Vale tudo
Vale ser alguém
Como eu
Como você

Na nossa festa
Vale tudo
Vale ser alguém

Como eu
Como você

Dance bem
Dance mal
Dance sem parar
Dance bem
Dance até
Sem saber dançar

Dance bem
Dance mal
Dance sem parar
Dance bem
Dance até
Sem saber dançar

Dance bem
Dance mal
Dance sem parar
Dance bem
Dance até
Sem saber dançar

Dance bem
Dance mal
Dance sem parar
Dance bem
Dance até
Sem saber dançar

Vai para cadeira, pega uma taça, sobe em cima da mala, colocando um dos pés sobre a cadeira e começa o relato.

[Evocação às bixas que vieram antes de mim.](#)

EVOCACÃO

“O termo “bicha” é uma navalha que abre passagem para as outras. Uma passagem estreita recusada pela maioria que prefere o ajuste. Mas sempre fica a certeza de que, se uma bicha passa por ali, outras podem passar.” (Oliveira, 2018, p.20). Gratidão àquelas que vieram antes de mim, (começa a ser projetado vídeo com fotos das pessoas que são mencionadas) João Silvério Trevisan, Ney Matogrosso, Padre Pinto, Linn da Quebrada, Liniker, Jota Mombaça, Jhonny Hooker, Felipe Lemes, Whander Allipia, Ikaro Kadoshi, Silvero Pereira, Cazuza, Freddie Mercury, Roger Casement, Viviany Beleboni, Jaloo, Megg Rayara, entre tantas outras, a existência delas que abriram espaço, passagem mesmo que estreita para que eu chegasse onde estou, gratidão àquelas que estiveram ao meu lado em cada momento. Oxalá que a minha existência seja também essa navalha para que outras também venham a se identificar como BIXA.”

APÊNDICE B - RELATOS COLETADOS ATRAVÉS FORMULÁRIO

RESPOSTA 1: Embora tenha exemplos bem mais recentes, acho interessante falar sobre a primeira vez que isso aconteceu comigo, durante a infância. Foi na sétima série, e não é surpresa que durante essa fase as crianças estão começando a entrar na época da puberdade, descobrindo os próprios corpos. Meninos heterossexuais mesmo já começam a pensar e falar sobre sexo e meninas e isso é muito normalizado. Mas na época que me descobri com outro menino, houve uma situação em que logo após ele disse que falaria para toda escola que eu era gay e começou a praticar bullying por muitos anos, com comentários que transcenderam até a questão da sexualidade mas também sobre minha aparência, etc. Quando ele espalhou isso pela escola, logo vieram as pessoas que trabalhavam na escola dizendo que "não é não, você é muito novo pra isso". De certa forma, não culpo ele — ele também sofria com repressão por parte do avô que não o aceitava e, por consequente, ele não conseguia lidar com isso também. Mas acho que são coisas que acontecem na infância de uma criança LGBTQIAPN+, enquanto crianças heterossexuais e cisgênero já são "bem resolvidas", crianças queer estão confusas. E essa não aceitação leva muitas vezes a uma raiva e/ou frustração que nos coloca uns contra os outros, e reverbera na nossa vida adulta.

RESPOSTA 2: Antes era menos mal visto andar de mãos dadas na rua, hoje por causa da incitação contra os direitos LGBTQIA+ tem sempre alguém olhando muito torto ou com desprezo, se tornou mais mal visto.

RESPOSTA 3: Profissionalmente.

RESPOSTA 4: Não podia frequentar a casa de um parente por ele ser crente e invalidar a minha existência

RESPOSTA 5: Quando fui doar sangue, a profissional do hemocentro informou que eu não poderia doar devido à minha orientação sexual, independente do tempo que eu estivesse sem me relacionar sexualmente com outras pessoas.

RESPOSTA 6: Quando minha família evita falar sobre o assunto e justifica com fatores geracionais, por exemplo. E também quando sou privada de estar com minha namorada em casa.

RESPOSTA 7: Ausência de promoções, ausência de convites para eventos. Opiniões não aceitas.

RESPOSTA 8: Um dia em uma pregação de um tio pastor meu, ele ao invés de passar a palavra de Deus e sobre tudo pregar o amor como eu acredito, fez questão de ponderar as seguintes

falas: As nossas televisões estão corrompidas, a Globo ela passa em suas novelas nus, homens se beijando, mulheres de beijando e tendo relações, não só as novelas da noite mas os conteúdos que nossos filhos veem, não podemos deixar. Uma outra pastora que era presente da comunidade afirmava que "perdeu sua filha" para "essas coisas espíritas e de lésbicas". Ela trouxe essa discussão em um ensaio de dança que tínhamos, eu era muito próxima a filha dela e certamente me opus mas mal sabia que ela ficaria falando para todos, durante os encontros, células e fim de cultos que eu disse que todo tipo de amor é válido, que eu já estava perdida com essa mentalidade até minha mãe, que é meramente homofóbica, cresceu na assembleia mas vem mudando pouco a pouco seus hábitos (menos quando tentei me assumir, disse que ficaria decepcionada com essas coisas de homossexualismo exatamente com essas palavras), discuti com a pastora por agir de forma infantil e desleal, que mesmo não concordando respeitasse minha opinião pois apenas era uma criança, se tivesse algum problema que falasse com ela ao invés de agora como uma pessoa mesquinha. Claro que tive uma danada conversa desagradável com meus pais após essa situação, não havia me descoberto mas já não me sentia bem vinda e foram situações bem marcantes.

RESPOSTA 9: Todos os dias quando as pessoas não respeitam meus pronomes, não entendem minha performatividade na sociedade, sou vista como uma estranha e não como mais uma pessoa com deveres e direitos!

RESPOSTA 10: Por muitas vezes quando a bancada evangélica no Senado ou nos municípios querem barrar o casamento entre pessoas do mesmo sexo com alegações infundáveis, preconceituosas e baseadas em uma religião que exclui a nossa existência.

RESPOSTA 11: Igreja, não nos reconhece, se aceitamos nossa sexualidade não servimos pra eles, se aceitamos a religião, devemos nos reprimir. Na política, nossa representatividade é mínima, não é ouvida e praticamente se reduz a questões identitárias, não conseguimos aprofundar as falas e assuntos exatamente pela pouca representação.

RESPOSTA 12: Eu já fui expulso de uma igreja por ser gay! Sim, EXPULSO! Não tive liberdade de ser quem eu sou dentro da casa de Deus!

RESPOSTA 13: Quando em termos de espiritismo, se considerou que a causa da homossexualidade é derivada de desvios, crimes em sexualidade vividos em outras vidas ou se nasce nessa condição como que marginalizado e condenado perante o Cristo e que essa situação ocorre para que a pessoa se corrija e se castre dos seus desejos, assumindo uma castidade ou se obrigando a um ajustamento para que retomamos o "equilíbrio" e seja então considerado quite com a espiritualidade. Situações parecidas com a católica e evangélica, porém sem a parte das

vidas passadas, e com um conteúdo ainda mais pesado de demonização do querer, do sentir e do viver, modo como acabei levando a vida por quase 19 anos. Apesar de ter feito as pazes com a minha espiritualidade e ter encontrado pessoas incríveis em cada uma dessas religiões depois desses Episódios, e que não compactuam com essas ideias, até chegar o momento de libertação desses dogmas, a negação, a culpa, a repressão era, a castração psicológica para qualquer gênero era a minha tortura diária.

RESPOSTA 14: Quando fui doar sangue e não foi possível por eu ser gay, hoje a situação mudou, mas já aconteceu antes.

RESPOSTA 15: Quando devo escolher as pessoas que eu me sinto seguro para expor meu nome social, ainda assim arriscando sofrer transfobia. Muitas vezes eu tenho que ouvir pessoas me referindo com um nome que me machuca por que não sinto que posso compartilhar meu nome social com elas. Me sinto excluído também da comunidade gay, por ser composta de homens cis muitas vezes transfóbicos, e sendo isolado completamente da cultura por que outros homens gays não me vêem como homem. Já tive testosterona prescrita como medicamento, que me foi negado por que minha própria família não me permitiu tomar algo que iria me "masculinizar". Na religião, quando era criança, ouvi professores me dizerem que ser trans era uma prova que a pessoa somente cumpriria se "resistisse" e não fizesse a transição.

RESPOSTA 16: Eu nunca me assumi para a minha família, só minha irmã sabe da minha bissexualidade. Eu decidi que não iria me assumir mesmo, quando uma tia disse em uma conversa "eu não sei o que eu faria se vcs fossem".

RESPOSTA 17: No ambiente acadêmico quando fazia curso de direito na faculdade Pitágoras, fui colocado numa condição de constrangimento por ter as unhas pintadas e ter trejeitos afeminados, por parte de professores e alunos, sob alegação de possuir uma postura de autoridade e respeito perante a sociedade.

RESPOSTA 18: Na igreja eu já fui chamada de aberração, já trocaram de banco ao sentar do meu lado e perceberem o que eu era, já me contrataram em trabalho só por conta do mês do orgulho LGBTQIA+, entre outros.

RESPOSTA 19: Aos 12 anos de idade eu comecei a frequentar uma igreja evangélica por conta da minha irmã. A irmã do então namorado dela era pastora de lá. Porém eu percebi com o tempo que eles queriam me manter por lá até demais por conta do meu jeito afeminado de andar e de falar. Eu lembro até de um dos irmãos de lá, ele tinha trejeitos afeminados. Recordo bem de ele testemunhar como ele não se deixou se levar pelos comentários que ele recebia por conta da feminilidade dele e acabou casando com uma mulher e tudo. Acabei saindo de lá depois de

menos de 1 ano, mas a pastora e o marido dela, também pastor de lá, passaram mais de 1 ano me atormentando e pedindo pra eu voltar pra igreja. Por conta deste e outros motivos mais pessoais acabei me afastando de religião no geral. Hoje em dia me encontro feliz dentro da Umbanda, mas até então não tive motivos para eu me sentir eu mesmo ou até bem-vindo dentro de qualquer religião.